# TROVADOR

# LIVRARIA POPULAR DE CRUZ COUTINHO

## RUA DE S. JOSÉ, 75 — RIO DE JANEIRO

Almeida Garrett — Portugal na balança da Europa. — O retrato de Venus. — Discursos parlamentares. 1 v.— Helena. 1 v.

Conselheiro Bastos — Collecção de pensamentos, maximas e proverbios. 2 v. — O medico do deserto. — A virgem da Polonia. — Dous artistas, ou Albano e Virginia. — Meditações ou discursos religiosos. 1 v.

Castilho — Noites do castello, os ciumes do bardo.— Quadros historicos de Portugal. 1 v. com estampas. — Tratado de metrificação portugueza. — O outono, collecção de poesias. — Cartas de Echo e Narciso. — Tratado de mnemonica. — A primavera. — Escavações poeticas. — As Georgicas de Virgilio, trad. — O avarento, trad. — O medico á força. — Tartufo. — As metamorphoses de Ovidio. 1 v. — Amor e melancolia. — Camões. 3 v. — As sabichonas, trad. — Methodo portuguez Castilho. — Os amores de Ovidio, trad. — A lyra de Anachreonte, trad. — O Fausto, trad. — O Misanthropo.

R. Ortigão — Em Paris. — Historias côr de rosa. — Mysterios da estrada de Cintra. — As Farpas, collecção completa. — Hygiene da alma, trad.

Padre Theodoro d'Almeida — O feliz independente do mundo e da fortuna. 2 v. com estampas. — Recreação philosophica. 10 v. —Cartas physico-mathematicas. 3 v.

Padre Antonio Vieira — Obras. 27 v. sendo : Sermões. — Cartas. — Historia do futuro. — Arte de furtar. — Obras varias. — Obras ineditas e a vida do padre Antonio Vieira.

Padre José A. de Macedo — Motim litterario. 1 v. — A besta esfolada. 1 v. — Cartas. 4 v. — O desengano, periodico politico, e moral. — O espectador portuguez. 4 v. — Os burros, poema. — Oriente, poema. — A meditação, poema. — A natureza, poema. — A viagem extatica ao templo da Sabedoria, poema. — Newton, poema. — A verdade, ou pensamentos philosophicos sobre os objectos mais importantes á religião, e ao estado. 1 v. — Censura dos Lusiadas. 2 v. — O segredo revelado ou manifestação do systema dos pedreiros livres e illuminados, e sua influencia na fatal revolução franceza. 5 v. — O homem ou os limites da razão. — Cartas philosophicas a Attico. 1 v. — Refutação dos priucipios metaphysicos, e moraes dos pedreiros livres illuminados. 1 v. — Cartas a frei Pedro A. Cavroé, e outros folhetos. 1 v. — Os sebastianistas, refutação á mesma obra pelos redactores do Correio da Peninsula. 2 v. — O novo argonauta, poema.

A. Pimentel — Esboços e episodios. 1 v.— Contos ao correr da penna.— Idyllios á beira d'agua. 1 v. — O testamento de sangue. — O annel mysterioso. — A porta do paraiso. — Do portal á claraboia. — Peregrinações na aldêa. — O livro das lagrimas. — O livro das flôres. — Mysterios da minha rua. — Nervosos, lymphaticos e sanguineos. — Entre o café e o cognac. — A virtude de Rosina, trad. — O degredado, trad. — Memorial de familia, trad. — O descobrimento do Brazil, romance.

Os puritanos de paris, por Paulo de Bocage. 3 v.

# TROVADOR

COLLECÇÃO

DE

## MODINHAS, RECITATIVOS, ARIAS, LUNDÚS, ETC.

---

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA

---

**VOLUME III**

---

RIO DE JANEIRO
Na LIVRARIA POPULAR de A. A. da CRUZ COUTINHO — Editor
75, Rua de S. José, 75

1876

# TROVADOR

---

## MODINHAS

---

### NO MEU ROSTO NINGUEM VÊ

No meu rosto ninguem vê
Nenhum signal d'afflicção;
Meu desgosto, minha dôr
Eu guardei no coração.

Eu occulto o quanto posso
O que soffre o coração,
Soffre muito, mas não mostra
Nenhum signal d'afflicção.

Nas festas tambem m'encontram
Fingindo satisfação,
Porque a magoa bem cruel
Eu guardo no coração.

---

## QUANDO EU MORRER, NÃO QUERO EM MINHA CAMPA

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada pela musica da modinha — *Quando eu morrer, ninguem chore a minha morte*

Quando eu morrer, não quero em minha campa
Lindas, perfumadas, brancas flôres;
Deixem dormir tranquillo em fôfa terra
Quem apenas só na vida colheu dôres.

Dispensa funeraes, pompas á morte,
Como eu, desditosa creatura;
Que deve apenas ter humildemente
Uma cruz que lhe marque a sepultura.

Lagrimas fingidas não as quero;
Quero o pranto sentido da amizade;
E que lancem no meu jazigo pobre
Como emblema da dôr, uma saudade!

Eu sinto que esta vida, em flôr ainda,
Parece de improviso emmurchecer;
Um sentimento tenho que me diz
Que joven, muito joven hei morrer!

E tu mesmo a quem amo e por quem choro,
Se eu morressse ámanhã, abandonado,
Talvez que chorosa assim dissesses:
—Eil-o morto, findou-se o desgraçado!

*Adeodato Socrates de Mello.*

## VIVO SÓ PARA TE AMAR

Em qualquer parte que esteja
Eu sem ti não posso estar;
Nada no mundo me interessa,
Vivo só para te amar.

Os dias de minha vida
Só tu pódes prolongar,
Teu amor me faz ditoso,
Vivo só para te amar.

Eu só desejo a teu lado
Noites e dias passar,
Minha vida não é minha,
Vivo só para te amar.

Para onde quer que fôres
Eu te quero acompanhar;
Não vivo senão porque
Vivo só para te amar.

Não vivo para os prazeres
Que tu não pódes gozar;
Vivo para vêr-te alegre,
Vivo só para te amar.

Distante de tua vista
Nada me póde agradar;
Eu não vivo para o mundo,
Vivo só para te amar.

O mesmo ar que respiras
Quero, meu bem, respirar;
Só teu alento me alenta,
Vivo só para te amar.

Quando o somno me acommette
Entro comtigo a sonhar;
Ou acordado ou dormindo,
Vivo só para te amar.

Os amorosos excessos
Te devem capacitar
Que não minto, quando digo:
Vivo só para te amar.

Minhas firmes expressões
Tu deves acompanhar;
Ah! dize, dize commigo:
Vivo só para te amar.

---

## A SYMPATHIA

Muito embora ausente viva
De quem jurei adorar,
Minha fé, minha constancia
Não póde o tempo mudar.

De uma simples amizade,
Quantas vezes, sem querer,
Vai crescendo a sympathia
Que d'amor nos faz morrer!

# RECITATIVOS

---

## A TRANSVIADA

Trajando galas, nos encantos bella,
Caminha ella sem saudar-lhe alguem;
Passeia em carros, no theatro ostenta
Tudo que inventa, que lhe fique bem!

Porém qual flôr que no calor da festa
As pet'las cresta, p'ra depois murchar,
Ou mariposa que a voar s'inflamma,
Em torno á chamma que a vai queimar;

Assim foi ella, essa vil mundana,
Na orgia insana, se atirou, perdeu!...
Foi mariposa que queimando as azas
Do ardor das brazas nunca mais se ergueu.

E essa infame, desprezando o esposo,
Que eterno gozo lhe fazia ter,
Prestes se atira—que fatal loucura!
Na vida impura, que lhe dá prazer.

Amou-a elle, como amar no mundo
Jámais profundo, póde amar alguem!
D'amor tão puro, deslembrou-se a ingrata
Que o affecto o mata, no alcouce—além!

Tudo mais nobre que sentiu no peito
Lá jaz desfeito pelo atroz afão,
Matou-lhe as crenças infernaes orgias,
Noites sombrias que não tem manhã!

Hoje apontada pelo audaz cynismo,
Mede o abysmo, quer fugir-lhe em vão!
Que a turba aponta-lhe uma bolsa infame
E em face brame—já não ha perdão!

Marcou-a o mundo com fatal sinete!
Este ferrete que tão negro é!...
E em represalias, a mulher perdida
Vive uma vida sem moral, sem fé!!

Maldiz o mundo, que a supporta ainda!
Se é bella ou linda, tem vassallos seus!
Mas não se lembra, desgraçada errante,
Da fulminante maldição de Deus.

Qual aguia altiva de voar cançada
Mais apressada na descida vai!
Assim aquella que perdeu a calma
Corpo sem alma—na miseria cái!

Mulher perdida, de que servem galas,
Ou meigas fallas, que fingidas são?
Se n'esses olhos, em que affectas calma,
Lê-se a tu'alma, que só diz—traição?

Que valem sêdas, deslumbrantes modas,
Mercadas todas com tão vil moeda?
Vendes o corpo p'ra comprar enfeites,
Gozar deleites que a moral te véda!

Desenfreadas nas paixões insanas,
As vis mundanas atirar-se vão;
Todo o seu ouro gastam em *coquettice*
E na velhice, nem sequer p'ra pão!....

Altivos paços habitar pretendem,
Ellas que vendem seu fingido amor,
Rubras se mostram, virginaes, fugaces,
Mas n'essas faces já não ha pudor!

Cynicas vivem, na miseria morrem!
Nem as soccorre bemfazeja mão!...
Bem penitentes ao sepulchro baixam
E lá nem acham uma cruz no chão!

---

## FESTAS DE DÔR

Tu queres que eu te dê magos encantos,
Cantos santos d'uma harpa que morreu?
Negro crepe envolvêra minha vida,
Ida, lida das dôres no escarceu?

Do templo de meu sêr na branca nave,
Ave grave, funerea se aninhou!
Eu senti da esperança, então fugindo,
Indo, findo, o sonhar que acalentou.

De meus seios morrendo a dôce calma,
Alma á palma correu da solidão;
De meus brincos da infancia só me resta
Esta festa de dôr, que os prantos dão.

Arrancado bem cêdo de meus lares,
Ares, mares diff'rentes avistei;
E pisando do mundo o trilho incerto,
Certo, perto da campa me prostrei.

D'azas negras, funereo, vaticina
Sina f'rina, o archanjo, aos dias meus;
De saudades assim, no extremo alento,
Lento vento erguerá minh'alma a Deus!

*V. de Carvalho.*

---

# LUNDÚ

---

## CHÁ PRETO, SINHÁ

Sinhásinha, hontem de tarde
Perdeu as côres mimosas;
Ai! quanto mais o sol arde,
Mais se desbotam as rosas.

Sinhásinha, meu amor,
Vale a pena, regue a flôr.

Ahi tem rosca fina,
Chá preto aqui está;
Receia a mofina?
Não tome, sinhá!

As flôres da madrugada
Serão estrellas do dia;
Da noite, flôr será fada
De dôce malancolia.

Sinhásinha, meu amor,
Vale a pena, regue a flôr.

Ahi tem rosca fina — etc.

Já a noite solta o seu manto
E coram as faces bellas...
Sinhá, meu timido encanto,
Oh! rosa, gemea de estrellas!

Sinhásinha, dê-me a flôr,
Dou-lhe em paga meu amor!

E dou roscas finas,
E dou-lhe bom chá!
Não creia em mofinas,
Ai! tome... sinhá...

---

# MODINHAS

---

## SONHEI QUE MIL FLÔRES

Sonhei que mil flôres
N'um prado colhia,
E sobre o teu collo,
Armania, espargia.

Que fina grinalda
Então te offertava!
Que beijos sem conta
A furto te dava!...

Sonhei que constante
Juravas de ser-me,
Em quanto da vida
O sopro aquecêr-me.

Então, minha Armania,
Feliz me julgava,
Em vêr a meu lado
Aquella que amava.

Mas tanta ventura
Tornou-se illusoria,
E d'ella conservo
Apenas memoria.

Capellas e flôres,
Os prados e jura,
Foi sonho enganoso,
Foi tudo amargura!

Assim, minha Armania,
Vou triste passando,
Em sonhos sómente
Venturas gozando...

Até que eu um dia,
Feliz e ditoso,
Me torne comtigo
Assás venturoso!...

*J. M. Mourão.*

## A ESTRELLA

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada na musica da modinha — *Acorda, minha querida*

Vem vêr, ó virgem formosa,
Lá no céo brilhante estrella;
Como se mostra garbosa,
Rutilante, pura e bella!

Contempla, virgem, o astro
Pousado no firmamento,
Esquece do mundo as dôres,
Põe n'elle o teu pensamento.

És donzella, e no teu peito
Tens sensivel coração,
Nem sequer pensas que o mundo
E' morada da illusão!

Te conserva sempre pura,
Faceira, galante e bella,
Segue o exemplo, menina,
D'aquella brilhante estrella.

*Gualberto Peçanha.*

## LEMBRANÇAS DA PATRIA

Lá quando a noite já se aproxima
No monte envolto de negra côr,
Por entre nuvens surgindo a lua
Ao pensamento nos traz amor.

Então quizera, sulcando os mares,
Ir vêr a patria, meu dôce encanto,
Sentir minh'alma gozar venturas,
Ir vêr esse anjo que adoro tanto.

Lá quando á noite d'almo luar
Ouço na rocha o mar bater,
E quando a lua já vai bem longe
Harpas sonoras ouço tanger;

Crueis saudades então eu sinto
D'esse meu anjo que adoro tanto,
Sentir minh'alma gozar venturas,
Ir vêr a patria, meu dôce encanto.

Aqui eu vejo tambem bellezas,
Virgens amaveis de meigo olhar;
Vejo florestas sempre virentes,
Que aos céos parece que vão chegar.

Mas ah! que tudo vem recordar
Esse meu anjo que adoro tanto;
Sentir minh' alma gozar venturas,
Ir vêr a patria, meu dôce encanto.

---

## AS MULHERES DE MARMORE

Amas tu, Marco formosa,
Em os salões deslumbrantes,
A symphonia ruidosa
Que saltar faz os dançantes?
Amas tu em noite escura
O ligeiro murmurar
Da ramagem na espessura
Como o vento a sibilar?...

Não! não! não! não!
Marco, que amas então?!

Nem da vaga o murmurar,
Nem da tutinegra o canto,
Nem da calhandra o gritar,
Nem do bardo o triste pranto.

Amas o alegre cantar,
Da orgia o vivo signal,
Quando a razão se afogar
Vai em copos de crystal?
Amas o divino accento
Que parte do orgão sagrado,
E que parece um lamento
Pelo incenso ao céo levado?...

Não! não! não! não!
Marco, que amas então?!

Nem da vaga o murmurar— etc.

E gostas tu, quando errante
Em negro bosque cerrado,
Dos sons da trompa vibrante
A perseguir o veado?
E gostas ao anoitecer
D'ouvir os sinos tocar,
Chamando a se recolher
O gado que foi pastar?...

Não! não! não! não!
Marco, que amas então?!

Nem da vaga o murmurar,
Nem da tutinegra o canto,
Nem da calhandra o gritar,
Nem do bardo o triste pranto.

De Marco vêde o encanto!

---

# RECITATIVOS

---

## MULHERES E FLÔRES

Aos hymnos da briza, que vem susurrante
Da noite o sudario n'aurora apartar,
Dissipam-se as brumas, e a luz cambiante
Na face da terra se vem retratar.

Dourada cortina n'um chão de turquezas
Além resplandece nos cimos dos montes,
E a relva mimosa nas lindas devezas
Se cobre de per'las que saltam das fontes.

Grinaldas de raios s'escapam dos ares,
De gratos aromas transborda a floresta;
E um dôce concerto nos verdes palmares
Ao mundo desperta nos hymnos de festa.

E tudo floresce no mar de folhagem,
Que brilha, que avulta nas vivas campinas;
E o astro dos astros em sua passagem
De louros esmaltes adorna as collinas.

Nas faxas olentes palpitam as flôres,
E as folhas nevadas desprendem a luz,
Mostrando nas fórmas, nas graças, nas côres
Um quadro pomposo que os olhos seduz.

E aos echos sonoros assim despertados
Os campos enchendo de terna alegria,
São virgens dormidas nas longas noitadas
Que aos beijos acordam dos raios do dia.

São nymphas aereas, formosas donzellas,
Que á noite se velam nos ricos sendaes,
Azues borboletas que giram singelas
Aos cantos das aves, aos sons matinaes.

D'orvalho e perfume formaram-se as flôres,
Fez Deus as mulheres de luz e poesia;
Em umas realçam fragrantes vapores,
Resumem as outras — belleza e harmonia.

*

Na terra as mulheres são astros brilhantes,
Dos sonhos a crença mais pura e sagrada;
São lindos poemas, são anjos errantes
Que a vida perfumam com dedos de fada.

E tudo que brilha, que falla de amores,
Que graças revela do sol a pureza,
Repete sorrindo:—Mulheres e flôres!
Excelsa homenagem prestando á belleza.

*Cicero Pontes.*

---

## UM SÓ SORRISO

Amo-te, virgem, com amor profundo,
Sem ti o mundo é soffrer sem fim,
Amando eu louco e com amor tão crente,
Teu peito sente tanto amor assim?...

Ao soffrer continuo de continua dôr,
Ao infrene amor que me cega assim,
Pagar me pódes com um sorrir fugace
Que na tua face se deslize emfim!...

Noites d'insomnia, e de pensar infindo,
Sempre sentindo só angustia e dôr,
A dôr tão nobre, pódes dar um fim,
Responde emfim que já me tens amor...

Um só sorriso que constante almejo
E em casto ensejo me fugisse a vida,
Findar a crença que me afaga a alma,
Sentir com calma terminar-se a lida!

Pois n'esse riso um divinal sentir
Póde exprimir ao transmigrar a alma,
Ao que tão crente só deseja amor,
Tendo da dôr a cruciante palma!...

Um só sorriso que matar me venha,
Que perdão tenha, pois que já diviso
Ser louco e ousado o meu audaz transporte,
Ou mereço a morte... ou um só sorriso.

*Germano da Costa.*

---

# LUNDÚ

---

## PURA VIRGEM MORENINHA

(NOVO LUNDÚ)

Para ser cantado na musica do lundú—*Eu gosto da côr morena*

Pura virgem moreninha,
Bonitinha,
Vem correndo ante meus braços;
Vem, não tardes, minha flôr,
Meu amor,
Quero unir-me em dôces laços.

O teu rosto tão mimoso,
Bem formoso,
N'elle impera só pudor;
Eu quizera sempre assim,
Seraphim,
Vêr-te linda, meu amor.

Teu olhar tão seductor,
Diz amor,
Gentil, faceira donzella;
Enlouqueço em contemplar-te,
Adorar-te,
Moreninha, minha estrella.

Eu quando passo e te vejo,
Que desejo
Em te vêr assim tão bella,
Na mais pura singeleza
E firmeza,
Tão tristonha na janella!

Poucas vezes me appareces,
E t'esqueces,
Moreninha, meus cuidados;
Não me queiras illudir,
Me fugir,
Que tu és os meus peccados.

Tento ás vezes em chegar
A declarar
Este fogo abrazador;
E dizer-te bem baixinho,
Meu anjinho,
Eu só quero teu amor.

Mas não posso, tenho medo,
E' segredo
Que occulto no coração!
Se eu o contar, sou traidor,
Fallador,
Que não guardo uma paixão.

N'uma noite em que te vi,
Junto ahi
Vestidinha de branquinho,
Tão risonha só dançando
E brincando,
Moreninha, meu anjinho.

---

## ALTA NOITE

Alta noite, tudo dorme,
Tudo é silencio na terra;
Nem sequer nos ares erra
Negro mocho gemedor;
Oh! que horas tão propicias
Para quem morre de amor!

Já se abre a gelosia
De seu bem, caro, adorado,
Ancioso — o prazo dado,
Espera o seu amador;
Vem, saudosa e grata amante,
Que por ti suspira amor!

Leonor, meu dôce anjo,
Vem, que bate hora primeira,
Vem pela vez derradeira

Abraçar o teu cantor!
Nos teus braços ache vida
Quem por ti morre de amor.

Só por ti affronto a sorte,
Que a vida, de ti amada,
A cruel golpe de espada
Vou por ti contente expôr;
Oh! por mim seja o triumpho,
Que por ti é meu amor.

A gelosia se abre,
E' hora da despedida,
Podesse aqui minha vida
Findar da saudade a dôr;
Vem, saudosa e grata amante,
Tua porta abrir a amor.

---

## EU AMO AS FLÔRES

Musica de M. A. de Sousa Queiroz, e poesia de Magalhães

Eu amo as flôres que mudamente
Paixões explicam que o peito sente;
Amo a saudade, o amor-perfeito,
Mas o suspiro trago no peito.

A fórma esbelta termina em ponta
Como uma lança que ao céo remonta;
Assim, minh'alma, suspiros geras
Que ferir podem as mesmas feras.

## UM MYSTERIO

Poesia do snr. Albano Cordeiro, e musica do snr. Raphael

Em noite medonha,
Que os raios cruzavam,
Que os ventos luctavam
Co'as ondas do mar;
Meu peito saudoso
C'um rosto formoso
Buscava sonhar.

A lua tranquilla,
Das ondas se erguendo,
E os raios detendo
C'um meigo volver;
Calmou da tormenta
A furia cruenta,
Mas fez-me gemer!

Senti na bonança
Cruel desventura,
Provei a amargura,
Que amor recordei;
Mas foi por aquella
Que outr'ora tão bella
Gostoso adorei.

A lua piedosa,
A face cobrindo,
Ao céo foi subindo
Com dôce langôr;

E o céo puro e santo
Juntou-se a meu pranto,
Calmou minha dôr.

---

# DUETO

---

## O MEIRINHO E A POBRE

MEIRINHO

Olá, vamos sem demora
P'ra a casa da correcção;
Tantos pobres na cidade...
Não está má vadiação!

POBRE

Veja bem, senhor meirinho,
D'este lado estou 'squecida,
Esta mão p'ra nada serve,
D'este olho estou perdida.

MEIRINHO

Minha pobre, não m'embaças,
Pódes muito bem servir,
Inda és moça, reforçada,
Deixa a vida de pedir.

POBRE

Como poderei viver
Sem esmolas dos fieis?
Senhor meirinho, vá-se embora,
E me dê alguns dez reis.

MEIRINHO

Marche já, minha devota,
Tenho ordens apertadas,
Velhas, tontas, mancas, tortas,
Irão todas amarradas.

POBRE

Se me leva, senhorzinho,
Muita gente sentirá;
Dos meninos que eu educo,
Coitadinhos, que será?

MEIRINHO

Oh mulher, não sei que diz!
Vamos já para a prisão...

POBRE

Ah! me deixe, senhorzinho,
Qu'eu lhe dou meu coração.

Eu sou pobre, isso é verdade,
Mas sou pobre mui fagueira,
Sei dançar o miudinho,
Sei puxar minha fieira.

MEIRINHO

Tambem tem esta cidade
Pobresinhas com dendê;
Ellas fazem traquinadas
Com artes não sei de quê.

POBRE

O Brazil tem seus meirinhos
Que nos prendem com ternura,
Porque os moços brazileiros
Tem feitiços, tem doçura!

MEIRINHO

Da justiça official
Nem por isso sou marreco,
Quando estendo a minha gambia
Sou mais leve que um boneco.

AMBOS

Já que amor assim nos prende,
Da policia nos livremos,
Pois se d'esta nós zombamos,
Com amor nós não podemos.

Vamos viver sempre juntos
Mendigando com pobreza;
Pois amor quando nos prende
Não se importa com riqueza.

---

# RECITATIVOS

---

## NO MAR

Lembras-te quando te beijei o seio
N'aquelle enleio que de amor provém?
Aquellas fallas que trocamos rindo,
Gozos sentindo — quem ouviu? — ninguem.

Lembras-te, virgem, quando além — no mar,
Triste, a scismar — adormeci aos cantos
Que desprendias, contemplando a lua,
Que a fórma tua desnudava encantos?

Lembras-te quando ao despertar fitei-te,
Depois beijei-te a nacarada face?
Que tu coraste? mas porque coraste?
Virgem, julgaste meu enlevo audace?

Lembras-te quando meu batel singrando
O pego brando, tu p'ra mim sorrias?
N'aquelle riso que é de amor a origem,
Me dize, virgem, o que então dirias?

Lembras-te quando se mostrou no céo
Alva sem véo — a matutina estrella,
Que tu disseste com fallar de fada:
« Oh! luz sagrada — como tu és bella! »

Se por acaso te recordas — flôr,
Do nosso amor, d'aquella noite emfim;
Fita os teus olhos nos meus olhos — rindo,
Um gozo infindo me faz ter n'um — sim.

*Gualberto Peçanha.*

---

## PERDÃO

Ousei amar-te muito, quando placido
Sonhava possuir-te inda algum dia,
Manchei nos versos meus teu nome candido,
A illusão já passou: perdão, Maria.

Pequei! Fugir não pude ao fogo vivido
De teus olhos formosos, sem rivaes;
Perdôa-me, por Deus! meu rosto pallido
Bem te diz que soffrer não posso mais.

Fui um louco! Olvidei a negra tunica
Da pobreza em que a sorte me envolveu;
Esqueci que do mundo as galas fulgidas
Não eram para os pobres como eu.

Tu eras meu fanal! na vida insipida
Era minha ambição o teu amor;
Os dias de ventura foram rapidos,
A esperança morreu, morreu em flôr.

Fui um louco em sonhar gozos purissimos,
Fui um louco porque não te evitei;
Mas quem podéra vêr teu rosto angelico
Sem deixar-se prender, qual me deixei?

Agora é tudo findo, é tudo marmore
N'este peito em que tinhas um altar:
Se a natura não fosse minha cumplice,
Eu, de certo fugira de te amar.

Sendo pobre devêra ser mais timido,
Que amar o pobre ao rico é ousadia;
Mas agora meu peito é todo gelido,
A illusão já se foi;—perdão, Maria.

*F. N.*

---

# LUNDÚ

---

## MARILIA, MEU DÔCE BEM

Marilia, meu dôce bem,
Apenas teus olhos vi,
Cessou a minha existencia,
Já não vivo, já morri.

Ai lê lê lê, certamente
Olhos taes queimam a gente.

Despedem raios divinos
Que ateiam n'alma a paixão;
N'este fogo é que abrazou-se
De todo meu coração.

Ai lê lê lê, certamente
Olhos taes queimam a gente.

Porém se os teus olhos matam,
Sabem dar vida tambem
Por um certo requebrado
Que tudo póde, meu bem.

Ai lê lê lê, certamente
Olhos taes queimam a gente.

# MODINHAS

## EU VI TEU ROSTO

Eu vi teu rosto,
Que me indicava
Seres sensivel
A quem te amava.

Logo em te amar
Então pensei,
E fido amor
Te consagrei.

Quando minh'alma
Em ti pensava,
Em mil delicias
Se mergulhava.

Agora vejo
Que a natureza
Não te deu mais
Do que belleza.

N'esses teus labios
D'alma ternura,
Vi no teu riso
Rir-se a ventura.

Quanto enganei-me!
Que o riso, então,
Da falsidade
Era expressão.

A mão tomei-te,
Corou-te o pejo,
Voltaste a face,
Furtei-te um beijo.

O dôce nectar
Que então bebi,
Que era veneno
Depois senti.

Magica rosa,
Nos teus carinhos
Só vi ás côres,
Nunca os espinhos.

Fórma e perfume
Foi illusão,
Trago os espinhos
No coração.

Mesmo na terra
Julguei eu vêl-á,
Astro divino,
A minha estrella.

Fallar no brilho,
Na claridade,
Marcava um ponto
De tempestade.

N'um olhar puro
Relampejante,
O céo mostrou-me
Por um instante.

A visão teve
Cruel desmaio;
Foi-se o relampago,
Feriu-me o raio.

---

## DE UMA PASTORA OS OLHOS BELLOS

De uma pastora
Os olhos bellos
Me tem causado
Amor, desvelos.

Morro por ella
A todo o instante,
Mas ella ignora
Meu peito amante.

Agro receio
Me embaraça,
Fico indeciso,
Não sei que faça.

Emfim, amor,
Rege meus passos,
A vêr se encontro
Fagueiros laços.

Chego-me á bella
Mas com pudor,.
Apenas fallo
No meu amor.

Confusa fica,
Os olhos volve,
Levanta a voz
E assim resolve:

*

Vivamos sempre
Em dôces laços,
Depois me aperta
Entre seus braços.

Pensem amantes
A sensação
Que sentiria
Meu coração!

*Candido Ignacio da Silva.*

---

## SE EU FÔRA A CRIANÇA MAIS LINDA E FORMOSA

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada na musica da modinha—*Se eu fôra da noite o astro formoso*

Se eu fôra a criança mais linda e formosa,
Quizera, ó belleza! constante te olhar;
Se eu fôra dos cantos a nota suave,
Quizera contente a teu lado soar!

Se eu fôra uma rosa de vivo perfume,
Quizera em teu peito ditosa morar;
Se eu fôra das tardes a mais linda e pura,
Quizera, sorrindo, fazer-te primar.

Se eu fôra das aves a ave mais linda,
Quizera em teu collo constante pousar;
Se eu fôra dos entes o mais verdadeiro,
Quizera, ó meu anjo, sósinho te amar.

Mas eu sou um triste que vivo penando,
Sem ter os prazeres da dôce ventura;
Por isso não posso, nem mesmo que queira,
Amar-te, donzella, gentil creatura.

*Adeodato Socrates de Mello.*

---

# CANÇÃO

---

## O CANTO DO SABIÁ

Poesia do dr. D. J. G. de Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

Urania, não ouves
Um terno reclamo
Que sôa no ramo
Do teu manacá?
Se queres ouvil-o
O passo apressemos,
De perto escutemos,
Que é um sabiá.

Sentemo-nos juntos
Aqui no bosquete,
Sobre este tapete
De verde capim:
Não vás para longe,
Que fico enfadado;
Aqui, a meu lado,
Bem perto de mim.

Fallemos de manso
Em quanto elle canta;
Se a voz o espanta,
D'aqui fugirá:
Ah! diz-me ao ouvido
Se aquelle gorgeio
De amar, em teu seio,
Desejos não dá?

Eu creio que entendo
Aquella cantiga;
Se queres que o diga
Responde que sim:
No seu estribilho
Diz elle: — mortaes,
De amor não temaes,
Amai-vos sem fim.

---

# RECITATIVOS

---

## O POBRE

Ao som das vozes dos tristonhos filhos
Que á mingoa pedem p'ra comer um pão,
Sahe da choupana mui tristonho o pobre
Co'o sacco á cinta, co'o bordão na mão.

Então tremendo de vergonha e fome,
Estende ao povo a mirrada mão,
P'ra todos olha, se encaminha á porta
Do rico aváro que lhe brada: —Não!

Coitado, humilde vai seguindo sempre
Com fé no peito que gemendo chora,
E vendo as turbas com desdem passando,
Ao céo e á terra uma esmola implora.

Ninguem o attende; elle já cançado
De tantas vezes suas mãos erguer,
Soluça e geme, qual no galho a rola
Afflicta e triste sem o esposo vêr.

Com passos lentos vai depois sentar-se
Do templo santo nas escadas frias,
Ahi descança por um pouco e dorme
Ao som dos gritos de venaes orgias.

Desponta negra como crepe a noite,
A lua nasce matizando o espaço;
E o pobre tremulo, todo entregue á mágoa,
Por entre as trevas busca o lar escaço.

Contempla, entrando, sobre rota esteira,
Seus filhos, tristes, lamentando em vão,
Parece dizem: De soccorro á mingoa
E' já cadaver nosso pobre irmão!

Meus filhos, diz-lhes, mergulhado em pranto,
D'aqui a pouco morrereis tambem,
Pedi chorando, e vosso pai, coitado,
Sustento agora p'ra vos dar não tem.

Na dôr arranca suas cãs com ancia,
Nos olhos baços já vê fusco o brilho,
E louco andando para tudo exclama:
Esmola ao menos p'ra enterrar meu filho!

Na porta pára, vê sahir de um carro
Trajando galas ricamente o nobre,
Esmola pede! E qual a um cão leproso
Repelle o rico bruscamente ao pobre!

Debalde grita, e estalando á fome,
Sobre a calçada tiritando cái:
E ao vento fresco da risonha aurora
Coitado, morre, desprendendo um ai!

Depois envolto n'um andrajo immundo
Inerte o corpo se conduz sem gala,
E em quanto o rico tem vaidosa tumba,
Se lança o pobre com desdem na valla!

*Candido José Ferreira Leal.*

---

## UM PEDIDO

Mulher, és bella qual não sei pintar-te,
Só sei amar-te e como eu sei ninguem;
Typo sublime de apurado gosto,
N'alma e no rosto, e no sorrir tambem.

D'essa cadêa em que se liga o bello,
Tu foste o élo mais perfeito, sim;
Como que em prova do requinte d'arte
Quiz Deus formar-te tão formosa assim.

Humidos labios de accender desejos
Provocam beijos de paixão infinda;
Que amenidade de expressão tem ella!
Oh! como é bella, seductora e linda!

Na sala ostenta em caprichosas ondas
Fórmas redondas do corpinho leve,
Quanta nobreza! que pisar sereno!
Que pé pequeno! que cintura breve!

E as mãos macias, setinosas, puras,
Tranças escuras, fronte veneranda,
Collo de cysne, voz sonora e dôce
Como se fosse uma harmonia branda.

E aquelle agrado que por si resume
Todo o perfume da mulher moral,
E' como o iman que seduz a gente,
Philtro innocente que não tem igual.

Eu que a idolátro com fervor sincero,
Nada mais quero que em silencio a amar;
No tabernaculo de meu peito occulto
Votei-lhe um culto, um verdadeiro altar.

E por ventura se a ambição cegar-me
Não vou prestar-me a importunal-a, não;
Já peço muito se disser:—desejo
Depôr-te um beijo na mimosa mão.

*C.*

# LUNDÚ

---

## ESTA NOITE, OH CÉOS! QUE DITA!

Esta noite, oh céos! que dita!
Com meu bemzinho fallei,
Das cousinhas que me disse
Nunca mais m'esquecerei.

Deu-me um certo guisadinho
Que comi, muito gostei!
Do ardor das pimentinhas
Nunca mais m'esquecerei.

Ao olhar para a janella
Na calçada tropecei,
Da tremenda cabeçada
Nunca mais m'esquecerei.

---

# MODINHAS

---

## ACORDA, MINHA QUERIDA

Acorda, minha querida,
Acorda, foge do leito,
Vem ouvir a voz do peito
Do teu triste trovador.

Oh céos! que silencio,
Que dôr, que penar,
Que grato luar,
Que noite de amor!

Vem vêr, Diana formosa,
Dos amantes protectora,
Vem abraçar como outr'ora
Teu constante trovador.

Oh céos! que silencio — etc.

Troca os sonhos que te illudem
Pela verdade ditosa,
Vem consolar amorosa
Teu saudoso trovador.

Oh céos! que silencio — etc.

N'este sitio onde ditoso
Já gozei o teu carinho,
Não deixes gemer sósinho
Teu amante trovador.

Oh céos! que silencio — etc.

Mas ah! debalde te chamo...
Só me escuta a natureza,
Já do somno és feliz presa,
Não ouves teu trovadòr.

Oh céos! que silencio — etc.

Bella lua além fulgura
Em mimoso céo de anil,
Mas aqui nem um ceitil
Alumia o trovador.

Oh céos! que silencio — etc.

Acorda, virgem formosa,
D'esse teu meigo dormir,
Vem escutar o carpir
Do teu triste trovador.

Oh céos! que silencio — etc.

---

## MINHA SORTE, CARA ELVIRA

Minha sorte, cara Elvira,
E' tristonha, aborrecida;
A mais cruel e pungente
De todas as que ha na vida.

Mas se me deres
Um riso teu,
Será mudavel
O fado meu.

Ah! não, não negues,
Presta um sorriso;
Dá-me as delicias
Do paraiso.

Minhas faces já perderam
Sympathias, brilho e côr;
Meus labios não tem doçura,
Nem mais exprimem amor.

Mas se me deres — etc.

Ah! não, não negues — etc.

Minha Elvira, os teus encantos
Levam gente á sepultura;
És cruel, porque me negas
Um instante de ventura.

Mas se me deres — etc.

Ah! não, não negues — etc.

# ROMANCE

---

## QUEIXAS

Poesia do snr. dr. D. J. G. de Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

Sem dôce esperança,
Oh minha querida,
Amor não é vida,
E' morte sem fim:
De amor outros gozam
Suaves momentos;
Porém os tormentos
São só para mim.

Qu'importa qu'eu veja
Teu rosto engraçado,
De um riso animado,
Ao longe brilhar;
Se a magoa que sinto,
Amor, não adoço,
E posso, e não posso
Teus olhos beijar?

Qu'importa que eu pense
Que tu serás minha?
Quem é que adivinha
O teu coração?

Quizera a certeza,
Ser sempre a teu lado
N'um laço apertado
Da tua paixão.

Suspeitas me ralam
Na ausencia em que vivo,
Nem ha lenitivo
A' minha agra dôr:
Acaso desejas
Que em taes agonias
Feneçam meus dias
E extinga-se o amor?

---

# RECITATIVOS

---

## MINH'ALMA É TRISTE

Minh'alma é triste como o som da onda,
Que murmurando vai morrer na praia;
E' como o vento de gelado inverno,
Que lá no campo, a soluçar, desmaia.

Minh'alma é triste como é triste, ao longe,
Ouvir-se um canto de coruja feia;
E' como o olhar de moribunda ovelha,
Que sob o ferro a crepitar, vagueia.

Minh'alma é triste como o alvôr da lua
Batendo meigo em solitaria lousa;
E' como o louco, que sereno e calmo,
De abysmo fundo junto á borda pousa.

Minh'alma é triste como a luz dos cirios
Bem junto á eça que sustenta um morto;
E' como o orphão que em saudade apenas
Tem o direito de encontrar conforto.

Minh'alma é triste como a flôr mimosa,
Que junto a um tronco, p'ra morrer, cresceu;
E' como o bardo que no exilio ingrato
Das proprias crenças infeliz descreu.

Minh'alma é triste como rio occulto,
Que soluçando vai dizer—saudade;
E' como a pobre que um vintem mendiga
E estende o braço a implorar piedade.

Minh'alma é triste como o pobre cego
Que vive em lagrimas e nas trevas só;
E' como o verso que se pôz na pedra
E não se enxerga, que occultou-o o pó.

Minh'alma é triste como a triste sombra
Que sobre o marmore deposita a cruz;
E' como a morte que nos rouba tudo:
A vida, a crença, a esperança, a luz.

*J. P. Monteiro Junior.*

## CAMÉLIA

Nas veigas meigas de encantado prado,
Vi-te, enlevado, n'um sonhar de amores;
Infinda e linda, qual mimosa rosa
Eras formosa sobre as outras flôres.

Celestes vestes da mais pura alvura,
Tua estatura divinal cobriam;
Immensos, densos, teus cabellos bellos,
Em negros élos a teus pés cahiam.

Da infancia n'ancia, com enredo e medo,
O meu segredo revelei-te então;
Em susto, a custo, com receio, enleio...
Disseste — creio — não te lembras? — Não?

Insano engano, minha mente crente,
Fusca, demente... tresvairou-se emfim;
Insano engano, que fingida, infida,
A alma rendida — me disseste: — Sim.

Mentias!... rias... que teu peito afeito
A ser o leito de volupia — ardôr;
Sobre a cratera de fogosos gozos,
Que venenosos vão beber amor.

Mentias... rias... n'esse gesto honesto,
N'esse protesto, que fizeste ahi,
Malvina, indina, tu mirraste, erraste,
A flôr que achaste vicejar por ti.

Sonhei-te... amei-te... delirante, errante,
Louco um instante — devorou-me amor,
Mas hoje... foge... flôr incasta, gasta...
— Camélia... basta — que te voto horror!

---

# LUNDÚ

---

## O PADECENTE

Poesia do snr. A. J. de Sousa, e musica do snr. A. L. de Moura

Mulata, tu és a causa
De eu andar aos trambolhões,
Levo chulipa — sopapo,
Cacholeta — pescoções.

Ando cego — atoleimado,
Dou nas portas narigadas,
Babo-me todo, me esfolo,
Me arranho — dou canelladas.

Tenho os olhos inflammados,
A cara toda papuda,
Bebo agua choca com bichos,
Cômo batata cascuda.

Mulata, tu és a causa
De eu tornar-me um lambazão,
Lambo o ranho do nariz,
Dou cambalhotas no chão.

Tusso, espirro, escarro, cuspo,
Mas me falta não sei quê;
Bebo cana, masco, fumo,
Só de amores por vossê.

Mulata, minha mulata,
De teu bem tem piedade,
Fazer bem a quem padece
E' virtude—é caridade.

Mulata, morrer por ti
E' agora o meu officio;
Ou dá allivio a meus males,
Ou me manda p'ra o hospicio.

---

# MODINHAS

---

## É TÃO FORMOSA MARILIA BELLA

E' tão formosa
Marilia bella,
Qu'eu de continuo
Morro por ella.

Apenas vi
O seu semblante
Tornei-me em outro
No mesmo instante.

No seu semblante
De fina côr,
Diviso, abertas,
Rosas d'amor.

Se me concedes
Um terno beijo,
Do céo da terra
Nada desejo.

Morena bella
Por piedade,
Guarda bem firme
Nossa amizade.

Confusa fica,
Os olhos volve,
Levanta a voz
E assim resolve:

Vivamos juntos
Em dôces laços,
Depois me aperta
Entre seus braços.

Então lhe digo:
Bella pastora,
Tu és mais linda
Que a própria Aurora.

Suspira a bella
E emmudece,
Volve seus olhos
E desfallece.

Vejam, amantes,
Que sensação
Não sentiria
Meu coração!

---

## UM TEU SUSPIRAR

Poesia do snr. J. M. Mourão, e musica do snr. dr. Clarimundo

Amor querendo
De mim zombar,
Teus olhos, Lisia,
Me quiz mostrar.

Suave effeito
Então senti...
D'elles escravo
Logo me vi!

Agora, Lisia,
Sinto paixão,
Por ti só geme
Meu coração.

S'estes affectos
Intentas pagar,
Lisia, me basta
Um teu suspirar!...

---

## AINDA ELLA?...

(NOVA MODINHA)

Poesia e musica do snr. J. C. Pinto Pereira

No peito sinto uma dôr,
Que me leva á sepultura;
Por me terem desprezado,
Atirado á desventura.

Para que nasci então?...
Para ser sujeito á sorte?
Eu amei, não fui amado?
Ah! meu Senhor, dai-me a morte!

Houve um dia que eu ouvi
Linda morena dizer:
« Eu te adoro, amo-te muito,
« Serei tua até morrer. »

Porém hoje, Deus d'amor,
Que malqu'renças tens de mim?
Porque negas esse amor,
Porque me foges assim?

Ah!... já sei... eu fui ingrato,
Diz-lhe assim o coração;
Não importa, que eu espero
Algum dia o teu perdão.

---

# ARIA

---

### O CAPITÃO MATA MOUROS

Aqui venho, meus senhores,
Certo de vossas bondades,
Contar-vos mil novidades,
De meu posto altos penhores.
Ficai sendo sabedores
Do que é este capitão,
Amoroso e valentão
Como ninguem póde ser;
Emfim, p'ra tudo dizer,
Ronque lá o rabecão.

No joguinho do bilhar
Sou fallado em todo o mundo,
Porque o sei tanto ao fundo
Que a dormir ò vou jogar;
Eu posso carambolar
Em cem bolas de uma vez,
Posso formar um xadrez
Na volta da carambola,
Fórmo emfim uma gaiola
Como ninguem jámais fez.

Sou sublime na caçada,
Pois mato aráras a croque,
Mato lobos a badoque,
Gafanhotos á estocada,
E camêlos á pedrada;
Quando me dá cá na veia,
Com um punhado de areia
Mato méros e robalos,
E até com estes estalos
Já pesquei uma baleia.

Eu já tive por bastão
O tronco d'uma mangeira,
Já tive por cabelleira
Um enchimento de colchão;
Por ter firme o coração
E ser no amor afeito,
A uma dama de geito,
Com paixão como não vi,
Dez annos eu trouxe aqui...
Como alfinete de peito.

Tudo quanto tenho exposto
Passará por caçoada,
Assim não direi mais nada
Para não vos dar desgosto:
Vou cumprir d'este meu posto
O que n'elle muito abunda,
Com figura tão jocunda
Não me posso demorar,
Pois vou patrulhas rondar
Da Armação ao Quebrabunda.

# RECITATIVOS

---

## O TEU SEMBLANTE

O teu semblante captivou-me a alma
Pois d'ella a palma só a ti eu dei,
Viver eu quero sempre escravo teu
Que é fado meu que só de ti serei.

Quando da vida aborrecer-me quero
E só espero a prematura morte,
Recebo animo ao pensar em ti
E me sorri a desejada sorte.

Sem ti não posso supportar a vida,
Pois tu, querida, és o meu encanto;
Teus negros olhos tão gentis, tão bellos,
São fortes élos que me prendem tanto.

Se por ti não posso ser um dia amado
E já cançado estiver com a sorte,
Nunca reveles a cruel verdade,
Por piedade não me dês a morte.

Mas tu és boa, formosa, és bella,
Gentil donzella, a quem tanto amo,
Volve esses olhos que seduzem tanto
E enxuga o pranto que por ti derramo.

Ah! falla! apaga a ardente chamma
Que o peito inflamma do teu trovador!
Diz-me ao ouvido se é receio teu,
— Que será meu o teu casto ámor.

---

## A JOVEN MORENA

Poesia do snr. Getulio de Mendonça, e musica do snr. J. S. Arvellos

Morena, eu amo-te com fatal loucura
Na vida impura, que me dá prazer;
Morena, eu amo-te, meigamente fallo,
Suspiro exhalo n'um cruel soffrer.

Amor é fogo que s'ateia n'alma
Na pura calma d'um ditoso sonho;
Amor é vida que se esvai ligeira,
Aura fagueira de um porvir risonho.

Vi-te n'um baile n'um salão dourado
E fui, curvado, te adorar, meu anjo!
Estavas bella, tão gentil, serena,
Eras, morena, meu celeste archanjo.

Depois que vi-te, n'um valsar ardente
Busquei demente protestar-te amores,
E quando um dia te pedi carinhos
Ai! tive espinhos de cruentas dôres!

Fitei meus olhos no teu rosto virgem,
Senti vertigem perpassar por mim;
Porém não pude desviar-me louco,
Ai! pouco a pouco, me fugiste emfim.

Amei-te muito com fatal delirio
Que o meu-martyrio, abandonaste emfim,
Foste ingrata, desprezaste a sorte,
Buscaste a morte, e me entregaste alfim.

Que importa a vida no illusorio mundo,
Se é tão profundo meu soffrer e sorte,
Se desprezado viverei, carpindo,
Chorando ou rindo buscarei a morte?

---

# LUNDÚ

---

## EU QUERO-ME CASAR

Poesia do snr. dr. J. M. de Macedo, e musica do snr. Francisco Antonio de Carvalho

Eu já não sou criança,
Já tenho bem juizo,
Já sei que me é preciso
Para viver, amar:
Mamã, fiz treze annos,
Eu quero me casar.

Darei minhas bonecas
Á Dona Carolina,
É ainda pequenina,
Não sabe o que é amar;
Mamã, eu já sei tudo,
Eu quero me casar.

No coração das moças
Ha um certo bichinho,
Que róe devagarinho
Até fazer amar;
Mamã, isto é sabido,
Eu quero me casar.

Mamã ralhar não póde,
Papá tambem amou,
Do céo foi que baixou
A lei que ensina a amar;
Mamã, Deus é quem manda,
Eu quero me casar.

---

# MODINHAS

---

### DE TI FIQUEI TÃO ESCRAVO

De ti fiquei tão escravo
Depois que teus olhos vi,
Que vivo só p'ra teüs olhos,
Não posso viver sem ti.

Contemplando teu semblante
Sinto a vida m'escapar,
N'um teu olhar perco a vida,
Resuscito n'outro olhar.

Mas é tão dôce
Viver assím,
Lilia, não deixes
De olhar p'ra mim.

N'um raio de teus olhares
Minh'alma inteira prendi,
Se tens minh'alma em teus olhos,
Não posso viver sem ti.
A qualquer parte que os volvas
Minh'alma sinto voar,
Inda que livre nas azas,
Presa só em teu olhar.

Mas é tão dôce — etc.

Que era meu fado ser teu
Ao vêr-te reconheci,
Não se muda a lei do fado,
Não posso viver sem ti.
Por não ser inda completa
Minha dôce escravidão,
Se me ferem teus olhares,
Choro sobre o meu grilhão.

Mas é tão dôce — etc.

## A PEROLA DE PAQUETA

Morena, eu tenho medo
Dos teus olhos tão formosos,
Dos teus olhos tão brilhantes,
Como os astros luminosos;
Tenho medo que me firam,
Que me possam ser p'rigosos.

Morena, eu tenho medo
Dos teus labios purpurinos,
D'esses labios tão ingenuos
Que despertam dôces hymnos;
Tenho medo que me matem
Com sorrisos tão divinos.

Morena, eu tenho medo
Do teu collo palpitante,
D'esse collo melindroso,
Tão gentil e deslumbrante;
Tenho medo de perder-me
N'um momento delirante.

Morena, eu tenho medo
Do teu terno coração,
D'essas fibras delicadas
Que me rojam na paixão;
Tenho medo, muito medo,
D'esse amor, d'essa affeição.

Morena, eu tenho medo
D'esses traços de belleza,
Que brilham n'esses teus labios,
Que te deu a natureza;

Tenho medo que não ames
Quem te ama com firmeza.

Morena, eu tenho medo
D'esse andar tão seductor;
D'esse porte magestoso
Para mim fascinador;
Tenho medo de perder-te,
Moreninha... meu amor!

*M. Ignacio Mendes.*

---

# CANÇÃO

---

## A VIVANDEIRA

Musica do snr. J. S. Arvellos

Ai! que vida que passa na terra
Quem não ouve o rufar do tambor,
Quem não canta na força da guerra:
Ai amor, ai amor, ai amor!

Quem a vida quizer verdadeira
É fazer-se uma vez vivandeira.

Só na guerra se matam saudades,
Só na guerra se sente o viver,
Só na guerra se acabam vaidades,
Só na guerra não custa a morrer.

Ai que vida, que vida, que vida,
Ai que sorte tão bem escolhida!

Ai que vida que passa na guerra
Quem pequena na guerra viveu,
Quem sósinha passando na terra
Nem o pai, nem a mãi conheceu.

Quem a vida quizer verdadeira
E' fazer-se uma vez vivandeira.

Ai que vida esta vida qu'eu passo
Com tão lindo e gentil mocetão!
Se eu depois da batalha o abraço;
Ai que gosto p'ra meu coração!

Que ternura cantando ao tambor
Ai amor, ai amor, ai amor!

Que harmonia não tem a metralha
Derrubando fileiras sem fim,
E depois, só depois da batalha
Vêl-o salvo, cantando-me assim:

Entre as marchas fazendo trincheira,
Mais te amo, gentil vivandeira.

Não me assustam trabalhos da lida
Nem as balas me fazem chorar;
Ai que vida, que vida, que vida,
Esta vida passada a cantar!

Qu'eu lá sinto no campo o tambor
A fallar-me meiguices de amor.

Mas deixemos os cantos sentidos,
Estes cantos do meu coração,
E prestemos attentos ouvidos
Ao taplão, rataplão, rataplão.

Ao taplão, rataplão, que o tambor
Vai cadente fallando de amor.

---

# RECITATIVOS

---

## OUTR'ORA, AGORA

Encantos santos que gozaste e amaste
O mundo outr'ora, com desdem mordaz,
Roubou, lançou no profundo, immundo
Abysmo infrene da paixão audaz.

Em quanto o encanto realçou, brilhou
Tu foste a fada dos salões da orgia,
Sorrias, vias a teu lado amado
A mão do rico te apertar tão fria.

Gozada, olhada pela gente ardente
Tremente ouvias murmurarem fallas,
Tem louro o ouro te affrontou, comprou;
Até nos templos ostentaste as galas.

Mundana, insana tua crença immensa
Mulher vendeste por um beijo impuro,
Sereia cheia de candor, de amor
Trocaste a vida por infernal futuro.

D'outr'ora agora teus formosos gozos
São dôres lentas te matando a alma,
Cercada olhada com horror a flôr
Seu viço perde deslumbrante calma.

Funérea a ethérea candidez da tez
Em vez da nympha um cadaver mostra,
E a lamentar, chorar o desgraçado fado
Já tarde a louca com horror se prostra.

De véo labéo que a affronta aponta
Nem mesmo as cinzas se avistou no pó,
Lasciva, altiva, a pudibunda, immunda
Mulher perdida não arranca um dó.

D'outr'ora, a aurora já não ri p'ra ti,
Teu corpo cobre nauseabunda chaga,
Atrozes vozes te proclamam, chamam
Perversa louca que a innocencia traga.

*

Perjura, impura, soluçando, andando
Mendiga triste, mas ninguem lhe acode,
Afflicta grita, pois que tarde arde
Sagrada chamma que a remir não póde.

Doente sente sua desdita afflicta
E vê angustia que sómente resta,
Lamentos lentos da perdida vida
A' rosa linda que murchou na festa.

Implora, chora no coração perdão
E n'uma enxerga seu suspiro exhala,
Só chora a aurora — no cemiterio o imperio
Acaba, morre sepultando á gala.

E o archanjo ou anjo que nasceu no céo
Roçando as azas nos paúes da terra
Fenece, desce já sombrio e frio
A' cova rasa que a miseria encerra.

Risonhos sonhos, tua capella bella,
Vaidade, gozos que tiveste outr'ora,
Amores, flôres, teus encantos santos
E' á saudade tudo entregue agora.

*Candido José Ferreira Leal.*

## DESPEDIDA

Adeus, meu anjo, vou partir, deixar-te,
Soou a hora da fatal partida,
A longes terras vou carpir saudoso
A triste ausencia d'essa imagem qu'rida.

Não podem phrases revelar-te o quanto
Minh'alma sente n'este extremo adeus;
Só sei dizer-te que de dôr succumbe
Ao separar-se dos carinhos teus.

Que de saudades eu não vou soffrer
Ao vêr-me ausente d'este amor tão puro,
Os dôces gozos do feliz passado
Bem amargosos vão ser no futuro.

Oh! a saudade, essa dôr pungente
Em outras eras já por mim sentida,
Agudo espinho que se entranha n'alma,
Que a dilacera e nos rouba a vida!

Não chores, virgem, não te afflijas tanto,
Enxuga o pranto d'esses olhos teus;
Não vês, querida, que esse pranto amargo
Vem augmentar os soffrimentos meus?

Não chores, virgem, não succumbas triste,
Que grata esp'rança eu conservo ainda
De ser ditoso e de viver comtigo
Dias felizes d'alegria infinda.

Adeus, meu anjo, vou partir, deixar-te,
Soou a hora da fatal partida;
A longes terras vou carpir saudoso
A triste aúsencia d'essa imagem qu'rida.

*M. J. de Almeida.*

---

# LUNDÚ

## QUALQUER MULHER QUE ENCONTRARES

Qualquer mulher que'encontrares,
Seja bella, seja feia,
Gritai logo á bocca cheia:
Jesus! nome de Jesus!

Fugi d'ella, filhos meus,
Como o diabo da cruz.

Se a encontrares de tarde
Passeando muito airosa,
Té que a lua vagarosa
Apresente a sua luz;

Fugi d'ella, filhos meus—etc.

Se olhares para traz
E ella olhar tambem,
Mostrando sem pejo a quem
Só quer vêr os hombros nús;

Fugi d'ella, filhos meus—etc.

---

# MODINHAS

---

## MINHA TERRA TEM LOUREIROS

Minha terra tem loureiros
Onde canta o rouxinol,
Canto triste e solitario
Que se esconde ao pôr do sol.

Quem m'o dera ouvir de novo
N'essa terra que eu deixei!

Minha terra tem campinas
Que tapizam lindas flôres,
Trinam lá melhor as aves,
Sabem mais cantar amores.

Quem me dera ouvir seu canto,
Se o seu sol eu sempre amei!

Oh! falsario prazer não me sigas,
Eu comtigo não quero alliança;
Que ao sepulchro me deve—promette
Essa idéa da prova—Esperança.

Oh! quem me dera gozar
O dôce ar que gozei!

## QUANDO OS TEUS OLHOS

Quando os teus olhos
Quebram langor,
São todos graças,
És toda amor.
Os olhos d'outra,
Faça o que fôr,
São sim os olhos,
Mas não d'amor.

E' tua bocca
Mimosa flôr,
Vedam tocal-a
Graças d'amor.
Nos labios d'outra
Posso os meus pôr,
Sem que no peito
Palpite amor.

Quando do pejo
Brilha o rubor,

Nas faces tuas
Adeja amor.
Se as faces d'outra
Mudam de côr,
O pejo é outro,
Não vejo amor.

Se dás um gosto
Ou uma dôr,
Em uma, em outra
Conheço amor.
Dados por outra
O gosto é dôr,
E' dôr ou gosto,
Mas não d'amor.

Quem de Marilia
Teve um favor,
D'outra não queira,
Que insulta amor.
Amor comtigo
E' vivo ardôr,
Nos braços d'outra
E' gelo amor.

# ARIA

---

## O BOLEEIRO

Triste vida é bolear
Todos os dias e noites,
Montado n'um burro magro,
Com esporas e açoites.

Levar tafulas bonitas,
Na sege bem recostadas,
De passeio, aos trambolhões,
P'las ruas esburacadas.

Mas ellas sempre me pagam
Sem nunca fazer careta;
E no fim sempre me dão
Qualquer cousa de gorgeta.

Que triste sorte é a minha,
Que me fez ser boleeiro,
Para servir a vadios
E ganhar pouco dinheiro!

Mas ai! que agora me lembro...
Esta idéa ninguem vence...
Vou m'empenhar para ser
De uma *gondola fluminense*.

Mas assim não me succede,
Pois a sorte me depara
A servir a um pelintrinha
Que me prega *meia-cara.*

Passo já a governar
Um d'esses velhos caixões
Que leva a gente arrastada
E tambem aos trambolhões.

E' verdade que a gente
Do serviço já cançada,
Vai arrumando sem dó,
Uma forte chicotada.

E então com o diabo,
E a nossa tentação,
Em lugar de dar nas bestas
Quebramos um lampeão.

E até mesmo sem querer,
Começa o mundo inteiro:
« Pega, agarra esse tratante,
E' um patife, um bréjeiro.»

De sorte que por descuido
Não se ganha quasi nada;
Póde o pobre boleeiro
Chupar uma bengalada...

Um homen atrapalhado
Sem saber o que fazer
Vai vingando-se nas bestas,
Dá-lhe forte e a valer.

Eu nasci para ser tua,
Tu nasceste p'ra ser meu,
Com amor, amor se paga,
Meu amor é todo teu.

Constança... eu morro,
Não morre, não,
'Stá aqui seu bem,
Seu coração.

Quem me desata
Esta gravata,
Que me machuca,
O' senhor Juca!

Sinhá, quem foi que disse
Qu'eu não gostava de schotisse?

---

# RECITATIVOS

---

## O PERDÃO

Perdôa, oh virgem, se te amei sonhando,
Se, despertando, mendiguei-te um riso;
Perdôa, oh virgem, se nos meus amores,
Bem como as flôres desmaiei conciso...

Perdôa, oh deusa, se nos meus delirios,
Á luz dos cirios profanei-te o pejo;
Perdôa, oh deusa, se n'um louco anceio
Beijei-te o seio, suppliquei-te um beijo!

Perdôa, oh santa, se por ti convulsa,
No peito pulsa destemida veia;
Perdôa, oh santa, quanto mais s'inflamma
De amor a chamma mais voraz se ateia!

Perdôa, archanjo, se te fui ousado,
Em ter fallado n'esse amor tão cedo;
Perdôa, archanjo — por tuas virgens c'rôas,
Se me perdôas — guardarei segredo!

Perdão, senhora! — teus olhares serios
Só tem mysterios, que me causam damno;
Perdão, senhora! se me vires triste,
A dôr consiste n'um fatal engano.

Deixa, donzella, reparar meu erro,
N'este desterro derramar meu pranto;
Deixa que ao menos em queixosa endeixa,
Lamente a queixa, que me opprime tanto...

Consente, virgem, que na pyra ardente,
Eu vá demente me queimar em vida;
Então na tumba, já depois de morto,
Terei conforto da tyranna lida!

E lá sósinho, passarei contente,
E eternamente esquecerei o mundo:
Meu pobre peito de te amar cançado,
Lá sem cuidado dormirá profundo!...

Eu só te peço que me vás um dia,
Na lousa fria desfolhar-me um cravo,
E lá, meu anjo, murmurar curvado:
Morreu, coitado, de meu peito escravo!

---

## SUPPLICA

Gentil morena, a quem adoro e amo
No fogo ardente do amor mais santo,
Conserva sempre em teus labios virgens
Leal sorriso a mitigar meu pranto.

Ah! nunca olvides este amor tão puro
Por outro affecto que não seja o meu;
Pois quero ainda te beijando um dia
Ligar ditoso meu destino ao teu.

Perdôa acaso se te offendo, ó virgem,
Pois eu jámais te julgarei perjura;
Bem sei que és firme, por demais constante
Para que esqueças tão sagrada jura.

Ah! como é bello, ao cahir das tardes,
Pensar em ti, e me julgar feliz!
Sentir no peito o coração fallar-me
Em dôces fallas que o porvir me diz!

Ah! como é bello ao chegar das noites
Vêr em minh'alma a dôce imagem tua,
Julgar-te um anjo de sublime encanto,
Aos frouxos raios que desprende a lua!

Bem póde a sorte caprichosa, um dia,
Á minha vida dar o final córte;
Ainda assim, eu te amarei constante
Além do tumulo, affrontando a morte.

Gentil morena, serei feliz te amando,
Vivo e alento-me dos sorrisos teus;
Conserva sempre em teu peito, virgem,
O fogo santo dos amores meus.

*Pinto Pereira.*

---

# LUNDÚ

---

### UMA PEQUENA BRÉJEIRA

Uma pequena bréjeira
Commigo vive em amores;
Quando passo á sua porta
M'embriaga com mil flôres.

Menina que offerta
Ao seu namorado
Boquinhas, abraços,
Não é desagrado.

Não me larga sem qu'eu dê
Na sua face mimosa
Um osculo de puro amor,
Tornando-se assim formosa.

Menina que offerta
Ao seu namorado — etc.

Sempre espera quando eu passo
Na janella a tal pequena;
E quando me avista ao longe
Com seu lencinho m'acena.

Menina que offerta
Ao seu namorado — etc.

Tem delgada cinturinha,
E' bem feita a minha qu'rida;
Quando vou beijar-lhe as tranças
Fica quasi sem ter vida.

Menina que offerta
Ao seu namorado — etc.

# MODINHAS

---

## BEIJO A MÃO QUE ME CONDEMNA

Poesia do dr. J. M. Nunes Garcia, e musica do snr. R. S. P. M.

Beijo a mão que me condemna
A ser sempre desgraçado,
Obedeço ao meu destino,
Respeito o poder do fado.

Que eu ame tanto
Sem ser amado,
Sou infeliz,
Sou desgraçado.

---

## MEU SCISMAR

Não creias, Lilia, não creias
Que eu deixei de te adorar;
Não creias em votos d'outro,
Crê sómente em meu scismar.

Aperta de amor os laços,
Da sorte quebra o rigor,
Vem feliz ser em meus braços,
Vem, meu anjo e meu amor.

Se alguem com voz tremente
Junto a ti de amor fallar,
Não creias em suas juras,
Mas escuta o meu scismar.

Aperta de amor os laços — etc.

Não consintas nos teus labios
Vá mil doçuras libar,
Foge d'esse que não vive
Como eu em dôce scismar.

Aperta de amor os laços — etc.

Foge a todos, vem a mim,
Vem ouvir meu palpitar,
E deixa que no teu collo
Torne em véras meu scismar.

Aperta de amor os laços — etc.

Delicias sem fim concede
A quem sabe tanto amar,
Vem a meus braços depressa
Ouvir meu terno scismar.

Aperta de amor os laços — etc.

*Braulio Claudio.*

## QUANDO A AVE DA NOITE

Quando a ave da noite
Pavoroso esvoaçar
Na pedra de minha lousa
O meu somno despertar;
Não cuides que o isolamento
Tudo pôde consummar.

Quando ouvires de noite
Gemidos tristes de dôr,
Lembra-te do teu pocta
Que dorme em campa de horror;
O tempo tudo destróe
Mas não destróe meu amor.

Quando os aridos sons
Te embriagar no dormir,
Não cuides que a fria ausencia
Tudo póde consumir;
Meu amor foi verdadeiro,
Jámais póde se extinguir.

Quando o funereo cantor
A noite negra apontar
Nos desertos pavorosos
Com medonho suspirar;
Não cuides que a dura ausencia
Póde de ti me apartar.

---

# CANÇÃO

---

## O FILHO PRODIGO

Poesia do snr. Mello Moraes Filho, e musica do snr. J. S. Arvellos

Delinqui, manchei na vida
A flôr de minha ventura,
E com a fronte abatida
Busco a fria sepultura;
Ai! meu Deus, que negros dias
Passei ao sol das orgias,
Ao lado dos lupanares!
Agora minh'alma afflicta
Como a lua tão contrita
Vive só de seus pezares.

Ah! Senhor, porque tiraste
O homem do fragil pó,
E depois o desprezaste
Deixando-o no mundo só?
Sem mesmo ter um abrigo
Senão a morte, o jazigo,
N'essa viagem de um dia...
E depois, ó Deus eterno,
Talvez, quem sabe? o inferno
Quando a fronte se resfria.

Ai, meu pai! se tu souberas
Os meus tormentos d'agora,

Lenitivo, oh sim, me deras
Á magoa que me devora!
Se já não tenho innocencia
Sinto, sinto, muita ardencia
Me queimar o sangue, o peito:
Ah! eu devo no revés
Banhar de pranto os teus pés
Sem phrases ao muito affecto.

Sim, perdão, perdão te peço.
Meu bom pai... Me arrependi;
Se d'elle eu hoje careço
De todo me não perdi.
Fui apesar um momento
Desbotado ao desalento
D'essas paixões de matar...
Mas... não quero, pai, benigno
Conheço, já não sou digno
D'em tua morada entrar.

---

# RECITATIVOS

---

## DEVANEIO

Amar-te é a sina d'este peito ardente
Que almeja crente teu amor tambem;
Amar-te é a vida que me infiltra n'alma
A dôce calma que venturas tem.

Embora a sorte me comprima o peito,
Em duro leito de bem agras dôres,
Quero adorar-te assim mesmo, virgem,
N'esta vertigem de um soffrer de amores.

Mas ai, eu sei que em vão procuro
No meu futuro descobrir esp'ranças,
Hoje meu peito de soffrer cançado,
Somno passado, vai colher lembranças.

D'essas lembranças do viver d'outr'ora,
Bem triste chora quem por ti suspira,
Hoje offuscadas, só me restam dôres,
Mirrhadas flôres no vibrar a lyra.

Quem sabe? ainda voltarão risonhos
Os lindos sonhos da estação florida?
Oh! quão ditosa me seria a sorte
N'este transporte? respirando a vida!

Oh! quanto é dôce a esperança linda
Que vive ainda entre o meu soffrer;
N'ella sorri-me tua imagem querida
E dá-me a vida para amar-te e crêr.

*R. da Silva.*

## O ARTISTA

Eram as artes, n'outro tempo, a base
Que a sociedade sustentava em pé;
Ellas traziam o socego aos povos,
Eram dos reis a redempção — a fé.

As artes eram necessarias — uteis,
A bem do uso e protecção do mundo;
Sem ella nunca a sociedade imbelle
Se ergueria do dormir profundo.

N'aquelle tempo era o artista grande,
Amavam-o muito — por amor das artes;
Da fama a tuba se fazendo ouvir
Soava — artista — por diversas partes.

Nos regios paços onde ha só pompas,
Onde etiquetas por demais se avista,
Entrava altivo, com seguros passos,
Era p'los nobres rodeado o artista.

Hoje o artista é no mundo o ente
A quem se vota indifferença só;
E' semelhante ao ignoto insecto
Que vive e morre envolvido em pó.

Que vale o artista n'este mundo — onde
As artes morrem por não ter cultor?
Que vale o artista — talentoso mesmo,
Se a sociedade não lhe dá valor?...

Ella o repelle indifferente e calma,
Despreza o genio se o artista é pobre;
E com sorriso derisor—satanico
Abre seus braços ao potente—ao nobre.

Não entendendo que o artista é grande,
Que sem as artes findaria o mundo;
Que a sociedade viveria immersa
N'um labyrintho por demais profundo.

Caminha, artista, e o perdão offerta
A quem teu genio de ludibrio cobre;
Esta que hoje te repelle—um dia
Conhecerá que o artista é nobre.

*Gualberto Peçanha.*

---

# LUNDÚ

---

## QUEM É POBRE NÃO TEM VICIOS

Quem é pobre não tem vicios,
Deixe-se de namorar,
Se as moças cantam assim
Como póde o pobre amar?

Fóra — lhe dizem
As moças todas,
Ninguem comtigo
Quer fazer bôdas.

Mas, seja o que fôr,
Já não m'embaraça,
Agora jurei
Amar por pirraça.

# MODINHAS

## VAI-TE, RECEIO

Vai-te, receio,
Por um momento;
Vai-te, tormento
Consumidor!

Brilha a verdade
Entre os arcanos,
Fujam enganos,
Falle o amor.

Armia, escuta
O desgraçado,
Apaixonado
Meu coração.

Tudo quanto
Emprehende,
Hoje depende
D'um *sim* ou *não*.

Oh! bella Armia,
Ama constante
Ao terno amante,
Que falla assim.

Anjo do céo,
Muda-me a sorte,
Ou dá-me a morte,
Ou diz-me *sim*.

---

## ASTRO DO CÉO

Astro do céo,
Rara belleza,
Acaso és dom
Da natureza?

Da natureza
E's perfeição,
Aceita, oh bella,
Meu coração.

Meu coração
A ti pertence,
Tua candura
A mim só vence.

A mim só vence
Teu mago olhar,
Tão penetrante
Faz-me expirar.

Faz-me expirar
Sómente ao vêr-te,
Mas quero a vida
A pertencer-te.

P'ra pertencer-te,
P'ra ser ditoso,
Quizera um *sim*
Esperançoso.

Esperançoso,
De ti almejo
Dos labios teus
Um dôce beijo.

Um dôce beijo
Seria a paga,
Seria a cura
P'ra a minha chaga.

P'ra a minha chaga
Inda sangrenta,
Mas! que é isto?...
Ella se ausenta!

Ella se ausenta...
Porque, cruel?
Queres ainda
Que eu sorva fel?

Que eu sorva fel?
Eu te enganei...
E's illudida,
Muito te amei.

Muito te amei
E adivinha,
Inda te amo,
Oh bella minha!

*G. P.*

---

# RONDINO

---

## O SONHO

Poesia do dr. D. J. Gonçalves de Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

Que bello sonho
Eu hoje tive!
Tambem sonhando
O homem vive.

Era meu leito
O teu regaço;
Meu travesseiro
Teu lindo braço.

Contra o teu peito
Tu me apertavas,
E com teus dedos
Me penteavas.

Teu lindos olhos
Que rutilavam,
Celestes chammas
Aos meus vibravam.

As nossas almas
N'esse momento
Só se nutriam
De um pensamento.

Eu n'esse arroubo
Não reflectia;
No céo pairava,
No céo vivia.

Porém acordo...
Oh! que amargura!
Foi mero sonho
Minha ventura.

Antes, sim, antes
Nunca acordasse,
Antes, ou sempre
Assim sonhasse.

———

# RECITATIVOS

## O ROXO LYRIO

O roxo lyrio que s'inclina á beira
Lá da ribeira, solitario e triste;
Ai! não recebe, coitadinho, alento,
Nem já do vento seu furor resiste.

A philomela que no bosque undoso,
De seu esposo lhe pranteia a morte,
De galho em galho, loucamente o chora,
Debalde implora compaixão da sorte.

Sou como o lyrio que lhe falta a aragem
N'esta romagem que se chama vida!
Bem como o lyrio me balouça o vento,
Do soffrimento, na mundana lida!

E qual nos bosques rouxinol plumoso
Que desditoso, seu amor perdeu:
Assim no mundo vagueando, errante,
Busco o semblante paternal do céo.

Assim minh'alma n'este alvôr da vida
Jaz envolvida n'um pezar secreto:
Assim meu peito de descrença infinda
Esvái-se e finda por fatal decreto.

O mundo! o mundo! de baldões me cobre,
Despreza o pobre que mendiga um riso!
Triste, coitado, sem gozar venturas,
Sente amarguras de um viver conciso!

---

## DEVANEIOS

Eu quero vêr-te de esplendor cercada,
A fronte ornada de mimosas flôres,
No ardor de um baile me fallar mansinho
Murmurar baixinho segredando amores.

Nos salões da moda não desejo vêr-te
Toda embeber-te em pensamentos vãos,
Nem vêr um outro receber sorrindo
O ramo lindo de tuas niveas mãos.

Na valsa, oh bella, quero vêr-te exangue
Curvada e langue sobre o peito meu,
Arqueando tremula de febril cansaço,
Comprimir-me o braço sobre o peito teu.

No ardor da valsa perpassar ligeira
Voar faceira eu não te veja, ai, não!
Sobre outro peito descançando a fronte
Qual flôr do monte que pendeu p'ra o chão.

Quando o baile em meio mais prazer encerra
Vêr-te quizera abandonar as salas,
E a sós commigo te isolar contente
Prendendo a mente em amorosas fallas.

Eu quero vêr-te de esplendor cercada,
A fronte ornada de mimosas flôres,
No ardor de um baile me fallar mansinho,
Murmurar baixinho segredando amores.

*C. da Rocha.*

---

# LUNDÚ

---

## O SECULO DO PROGRESSO

(NOVO LUNDÚ)

Para ser cantado pela musica do lundú — *Estamos no seculo das luzes*

Hoje tudo n'este mundo,
Faz a gente admirar,
Cousas novas que apparecem
Que nem sei vos explicar!

A, E, I, O, U,
Queiram todos conhecer,
Essas cousas que apparecem,
Para o povo se entreter.

Temos bailes sem cessar,
Para o povo galopar,
E ruas novas se abrem
Para o povo passear.

Ba, be, bi, bo, bu — etc.

Cada dia só se vê
Novas ruas se calçar;
E baixado o ministerio
Eis as ruas a chorar.

Ça, ce, ci, ço, çu — etc.

A pedirem, coitadinhas,
Que não estejam só paradas,
Que assim entre o ministerio
Para serem bem calçadas.

Da, de, di, do, du — etc.

Tantos entes pelas ruas,
Com caixões a carregar,
A gritarem que atormenta:
Oh! Freguez, quer engraxar?

Fa, fe, fi, fo, fu — etc.

Uma rua tão antiga,
Bem gravada na memoria;
Matacavallos já chamada
Riachuelo é hoje a gloria!

Ga, gue, gui, go, gu — etc.

Hoje tudo é caso novo,
Faz a gente admirar,
Ha tambem suas cousinhas
Que nos faz bem espantar.

Ja, je, ji, jo, ju — etc.

Como seja a dura ordem,
Que se deu sem olvidar,
A nosso povo, coitadinho,
Para a guerra já marchar.

La, le, li, lo, lu — etc.

Tudo isto só por causa
Do tyranno do Lopez;
Que anda o povo tristemente
A chorar o seu revez.

Ma, me, mi, mo, mu — etc.

Deixa estar que este brinquedo,
Bem depressa ha-de acabar;
Hei-de ter meu gostosinho
De vêr o Lopez a chorar!

Na, ne, ni, no, nu — etc.

Já não póde a humanidade,
Seu passeio desfrutar!
Pois encontra quem lhes diga
Tenha a bondade de escutar:

Pa, pe, pi, po, pu — etc.

O senhor traz seu documento,
Que elle livre assim da praça?
Se não traz responda já,
Pois nos serve bem a caça.

Ra, re ri, ro, ru — etc.

Diz o pobre, coitadinho,
Eu só vim a passear,
Não sabia se os senhores
Tinham ordem de caçar!

Sa, se, si, so, su — etc.

Pois então, meu amiguinho,
Me desculpe o proceder;
Acompanhe-o, oh camarada,
Queira já o recolher.

Ta, te, ti, to, tu — etc.

O governo assim me manda,
Vá cumprir o seu dever,
Recrutando os probresinhos
Que não tem de quem valer.

Va, ve, vi, vo, vu — etc.

Cá os ricos eu não mexo,
Tenho medo de soffrer
De seus paes atrevimentos
Que me podem offender!

Xa, xe, xi, xo, xu — etc.

*

Tudo isto a quem devemos?
Eu pergunto—me diz não sei,
Os ricos não soffrem penas,
Os pobres tem dura lei!

Za, ze, zi, zo, zu,
Corram todos a vencer,
Em geral corram ás armas
Quero o Lopez a tremer!

*Adeodato Socrates de Mello.*

---

# MODINHAS

---

## DE TÃO LONGE OUVIR NÃO PÓDES

De tão longe ouvir não pódes
O meu triste suspirar!
Quanto eu soffro n'esta ausencia
Não sabes avaliar.

Sim, tu não pódes
Avaliar,
O quanto é triste
O meu penar.

*Por um bahiano.*

## QUANDO EM MEU PEITO REBENTAR-SE A FIBRA

Poesia do snr. Alvares de Azevedo, e musica do snr. J. Rufino de O. Costa.

Quando em meu peito rebentar-se a fibra
Que o espirito enlaça á dôr vehemente,
Não derramem por mim em tristes palpebras
Uma só lagrima de paixão demente.

E nem desfolhem na materia impura
A flôr do valle, em que adormece o vento;
Não quero que uma só nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tedio
Do deserto o poente caminheiro,
Como as horas de um longo pesadelo,
Que se desfaz com o dobre de um sineiro.

Como um deserto de minh'alma errante,
Onde um fogo insensato a consumia;
Só levo uma saudade d'esses tempos
Que amorosa illusão me embellecia.

Só tenho uma saudade d'essa sombra,
Que eu sentia velar nas noites minhas,
É de ti, minha mãi, pobre coitada,
Que por minha tristeza te definhas.

De meu pai, e de meus unicos amigos,
Poucos, bem poucos, e que não zombavam,
Quando em noites de febre doudecido
Minhas pallidas crenças duvidavam.

Só tu, oh mocidade sonhadora,
Ao pallido poeta d'estas flôres,
Se viveu foi por ti, e d'esperanças,
De na vida gozar de teus amores.

Se uma lagrima as palpebras me inundam,
Se um suspiro no seio treme ainda,
É pela virgem que sonhei, que nunca,
Nos labios me encostou a face linda.

Beijarei a verdade santa e nua,
Verei crystallisar-se sonho amigo!
O' minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céo, eu vou amar comtigo!

Mas desvanece o meu leito solitario
Na floresta dos homens esquecida;
E á sombra de uma cruz escrevam n'ella:
Foi poeta, sonhou, e amou na vida.

Sombra do valle, noites das montanhas
Que minha alma cantára e amára tanto,
Protegei o meu corpo, abandonado,
E no silencio derramai-lhe um canto.

Mas quando preludia a ave da aurora
E quando á meia noite o céo repousa,
Arvoredo do bosque, abri os ramos,
Deixai-me a lua pratear-me a lousa.

# CANÇÃO

## O EXILIO

Poesia do snr. A. Gonçalves Dias, e musica de ***

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorgeiam
Não gorgeiam como lá.

Nosso céo tem mais estrellas,
Nossas varzeas tem mais flôres;
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida tem amores.

Em scismar — sósinho — á noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem pàlmeiras
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem palmeiras
Que taes não encontro eu cá;
Em scismar — sósinho — á noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

Não permitta Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá,

Sem que eu desfrute os primores
Que eu não encontro cá,
Sem que inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá.

---

# RECITATIVOS

## AO VÊL-A

Ao vêl-a — gelou-se-me o sangue nas veias!
Prenderam-me os passos, immovel fiquei!
Não era mais eu — não era — quem via...
Sem luz, sem sentidos, sem alma me achei!

Tal era a pureza das faces mimosas!
Tal era dos olhos o dôce fulgor!
Tal era o sorriso dos labios de rosa!
Tal era a candura da virgem de amor.

Quizera dizer-lhe, baixinho, em segredo:
Tu, fada d'encantos, vieste dos céos?
Mas tremulo, a susto, meu sêr emmudece,
Nem animo tive de olhal-a, meu Deus!

Tão candida, e linda, de tantos encantos,
Excede as estrellas no intenso brilhar!
Não é creatura nascida na terra,
E' Venus sahindo da espuma do mar.

Um ai de surpreza do labio escapou-lhe
Ao vêr-me, ao olhár-me tão perto de si!
Que—ai—que harmonia, que nota divina!
Meu Deus, n'este instante, porque não morri?

Depois... como aquelle que sahe d'um delirio,
Meus tremulos olhos desvio do chão,
Embalde a procuro no espaço infinito...
Já tinha de todo fugido a visão!...

*José Luiz Caetano da Silva.*

## E...

Meu peito soffre, suffocando dôres,
Candidas flôres que definham n'alma!...
Meu peito soffre em cruel martyrio
Atroz delirio que jámais tem calma!...

Do amor extremo eu frui delicias,
Dôces caricias de celeste Archanjo...
Transportes d'alma se ateavam bellos,
Puros, singelos, qual sorrisos de anjo!

Illusões perdidas do perdido amor!...
Murchou a flôr que me prendia á vida!
Sonhos dourados de um porvir immenso,
Em soffrer intenso reverteu a infida...

Hoje descrido — sem vigor meus braços,
Desfaz os laços que amor prendeu!...
Do sentir puro a intensa dôr
Desfolha a flôr que tambem — morreu!...

Mas ah!... não fujas, que por ti a vida
Vejo perdida sossobrando á dôr!...
Não fujas,—não— que sem ti minh'alma
Jámais é calma de tão santo amor!...

Este amor puro foi por Deus dictado
Ao ente amado que me faz soffrer!...
Mas ah!... por ella tudo são encantos,
Amargos prantos que me faz morrer!...

Meu peito soffre, suffocando dôres,
Candidas flôres que definham n'alma!...
Meu peito soffre em cruel martyrio
Atro delirio que jámais tem calma!...

*S. J. S.*

# LUNDÚ

## A LAVADEIRA

Poesia do snr. M. M., e musica do snr. Arvellos

N'este mundo a lavadeira
Não póde ter coração,
Seus amores devem ser
A gamela e o sabão.

Yôyô me desculpe,
Não seja teimoso,
Quem é que recusa
Namoro rendoso?

O meu lindo estudantinho
Se não tem roupa lavada,
Diz que fui vêr freguezia
Por entre a rapaziada.

Yôyô me desculpe — etc.

Mas se ás vezes eu encontro
Mocinhos apacatados,

Não lhes hei-de dar com gosto
Os botões mais bem pregados?

Yôyô me desculpe — etc.

Então sim, lá mesmo a casa
A roupa lhe vou buscar;
Elles dão-me, em troca d'isso,
O dobro, se a fôr levar.

Yôyô me desculpe — etc.

Assim vou passando a vida
Suave como ninguem,
Pois d'esses moços assim
A roupa nem suja tem.

Yôyô me desculpe — etc.

E affirmo que apesar
De não ser má lavadeira,
Vale mais o meu sabão
Que a gomma da engommadeira.

Yôyô me desculpe — etc.

---

# MODINHAS

---

## EU VIVO, MAS OH! NÃO VIVO!

Eu vivo, mas oh! não vivo
Com quem quizera viver,
Vivo só, vivo penando,
Vivo sempre a padecer.

A padecer
E a penar,
Ai! ai! não posso
Tal supportar!

Meu Deus, se viver não hei-de
Com quem quizera viver,
Matai-me por piedade,
Que assim vivo a morrer!

A morrer vivo,
Por não poder
Com quem desejo
Junto viver!

---

## DESDE O DIA EM QUE TE VI

Desde o dia em que te vi
Inda em botão, bella flôr,
Vi-te e guardei em meu peito
Amizade e puro amor.

Mas se algum dia eu podesse
Desfrutar amores teus,
Então sorrindo eu diria:
Tu és minha, encantos meus.

Por mando da flôr
De minha affeição,
Vieram tres rosas
Ainda em botão
Plantar em meu peito
Amor e paixão.

N'essas pétalas de carmim
Que retratam formosura,
Ficou minh'alma gravada,
Mas gravada sem ventura.

Porém quando a morte impia
Meus tristes dias findar,
Vai, oh! flôr de meus encantos,
Lá na campa vegetar.

Lá d'entre os sepulchros
De orvalho banhada,

Revela teu cheiro
Na triste morada,
Que assim é minh'alma
Ao Empyreo levada.

---

## ADEUS, PURA VIRGEM DE MEUS SONHOS

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada na musica da modinha — *Quando os céos dão em teus labios*

Adeus, pura virgem de meus sonhos,
Altar sagrado de singela côr,
Tu és a gloria de meus tristes dias,
Os meus encantos, o meu dôce amor.

Sem ti eu vivo chorando,
Sem ti eu soffro a gemer,
Antes a morte eu prefiro
Que ausente de ti viver.

Quizera unir os meus dias
Junto aos teus, meu bem, meu fado;
Deitar a fronte em teu collo,
Sonhar amor acordado.

Sem ti eu vivo chorando — etc.

Póde o frio da mortalha
Os meus affectos em dôr;
Mas ha-de ser sempre firme
Na minh'alma o teu amor.

Sem ti eu vivo chorando — etc.

Adeus, oh! anjo formoso,
Meu amor, minha illusão;
Do bardo pleno de amores
Aceita-lhe o coração.

Sem ti eu vivo chorando — etc.

*Adeodato Socrates de Mello.*

---

# ROMANCE

---

## CANTEMOS UM SIM

(SCHERZZO)

Poesia do snr. dr. D. J. Gonçalves Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

Oh anjo que inspiras
Palavras de amor,

Vai-te, oh menina,
Não te lamentes,
Que bem conheço
Como tu mentes.

Em quanto por ti chorei
Cruel fôste p'ra commigo,
Cançado d'amor sem fructo
No silencio achei abrigo.

Vai-te, oh menina — etc.

E' amor tão transitorio
Que achei loucura amar,
Pois se hoje amor dá risos,
Ámanhã nos faz chorar.

Vai-te, oh menina — etc.

Não procurei a ventura
Mas emfim sou venturoso,
Rejeitando teus agrados
Eu me vejo mui ditoso.

Vai-te, oh menina — etc.

E' das bellas rejeitado
Quem lhes não captiva a alma,
Mas eu qu'as bellas rejeito
De amante não quero a palma.

Vai-te, oh menina — etc.

# MODINHA

## MORENA

Eu adoro uns olhos pretos,
Os olhos de uma morena;
Mas esta mulher ingrata
De meu viver não tem pena.

Tem pena, meu anjo,
De um triste amante
Que por ti suspira
A todo o instante.

Vem, Emilia, não tardes,
Abrandar esta paixão;
Vem vêr quanto é triste
As mágoas de um coração!

Só tu, meu anjo,
Com teu amor
Dás allivio
Á minha dôr.

Se me não amas, ingrata,
Dá-me já a sepultura,
Pois já basta de soffrer
Esta pobre creatura.

Attende, Emilia,
Á minha dôr,
Escuta o pranto
De teu amor.

Esquece, mulher ingrata,
De quem tanto te amou,
Não posso mais esquecer-me
De quem a vida me roubou.

Tem pena, meu anjo,
De um coração,
Morena tem dó,
Tem compaixão.

*B. Julio Tavares.*

---

# RECITATIVO

---

## OH! QUE VIDA!

Que triste vida! sem gozar ventura
Quanta tortura, amolação, privança!
Que dôr d'estomago meu viver consome,
Ah quanta fome me devora a pansa!

E nem sequer — ao remexer no bolso
Encontrar posso um desgárrado bago!
Não ter um nickel p'ra comprar... empada
E um camarada não dizer-me... pago!

Ser estudante! que desejo informe,
Sonho disforme que ɳos faz tremer!
Ter ao seu lado um « Lacroix » famoso,
Livro horroroso... e obrigado a lêr!

Vêr um « Ganot » a nos fazer carêtas
E não ter pêtas p'ra contar ao lente!
Vêr um Guilmin a nos massar insano
E o fim do anno a apavorar a gente!

Vêr a mezada evaporar-se inteira
Logo á primeira esbodegada empresa;
Passar com fome d'um hotel á frente
E « olhar » sómente p'ra tão lauta meša...

Seguir « tinindo », caminhar calado
Sem ter jantado, nem café tomar...
Ouvir bem perto uma « sanfona » ingrata
Que nos maltrata, que nos vem massar.

Não comprar velas por não ter dinheiro
E o mez inteiro vêr — em frente ainda;
Passar as noites a formar castellos
Nos sonhos bellos d'uma esp'rança infinda.

E de repente ouvir bater á porta,
Oh! quem se importa co'este pobre invalido?
Mandar entrar a quem nos quer tão cedo
E olhar com medo, o que é « cadaver » pallido!

E abrazas o peito
De amante cantor,
Da esphera celeste
Ah vem, vem a mim,
Cantemos, oh anjo,
Cantemos um sim.

Um sim em seus labios
Ouvi murmurar,
Tão dôce, tão meigo,
Qual brando vibrar
De uma harpa tocada
Por um seraphim,
Cantemos, oh anjo,
Cantemos um sim.

Desde esse momento
O meu coração
Tranquillo palpita
Sem mais oppressão.
De Urania a palavra
Aos Santos poz fim,
Cantemos, oh anjo,
Cantemos um sim.

Oh anjo, teu canto
Não póde exprimir
O enlevo divino
Que um sim faz sentir!
Debalde te invoco;
Mas ah! mesmo assim
Cantemos, oh anjo,
Cantemos um sim.

—

# RECITATIVOS

---

## SUPPLICA

(RECITATIVO SACRO)

Jesus, attende ás ardentes preces
Que ao céo t'envio n'este santo dia,
Perdão, Senhor, para mim, culpada,
Que á teus pés supplico por tua agonia.

Perdão Jesus, para a triste afflicta
Que hoje chora com pezar profundo,
Perdão p'ra ella que em ti confia
Porque és, Senhor, o Salvador do mundo.

Sei que mereço tua santa ira,
Que sou indigna de tua bondade,
Porém contrita de te haver magoado
Eis os meus rogos — tem de mim piedade.

Perdôa, Senhor, os duros aggravos
Com que na vida te tenho offendido,
Perdôa, Senhor, se meu peito ingrato
Teu santo amor tenha até esquecido.

Jesus, perdôa, pela Santa Virgem,
Pelos martyrios da tua Paixão,
Perdôa, á misera que de angustia cheia
Com fervôr supplíca — Jesus, compaixão.

Perdão espero e perdão terei,
Benigno Pai, que por nós morrendo,
Assás provaste que a tua missão
No mundo era — perdoar soffrendo!

*Candida Isabel de Pinho Cotrim.*

---

## DEUS!...

P'ra qualquer parte qu'eu revolva os olhos
Vejo mysterios e preceitos seus;
Na flôr, no prado, no perfume — em tudo
Eu reconheço teu poder — meu Deus!

Pela manhã, no alvorecer do dia,
Se do sol vejo radiante luz,
Minh'alma se enche de prazer e jubilo
Reconhecendo teu poder — Jesus!

Se á noite vejo no Empyreo a lua
Campeando envolta em mortal palôr,
Minh'alma é triste ao contemplal-a assim
Mas reconheço teu poder — Senhor!

Ao vêr o brilho da scentelha horrivel
Esclarecer o nebuloso céo,
Eu julgo vêr a tua imagem — Deus
Áquem de um negro, condensado véo.

*

Eu reconheço teu poder no embate
Das espumantes e continuas vagas,
Que luctam rijas n'um cruel gemer
Em nossas bellas, arenosas plagas.

Eu reconheço teu poder em tudo
Que chegar póde aos sentidos meus,
E de joelhos a teus pés, eu juro
Que reconheço teu poder—meu Deus!

Quem ha que possa duvidar que exista
Um Deus potente, caridoso e grande?
Que lá no templo em orações ferventes
O seu poder e magestade expande?

*Gualberto Peçanha.*

---

# LUNDÚ

## NÃO TE RIAS, OH MENINA

Lundú brazileiro pelo snr. dr. J. M. N. Garcia

Não te rias, oh menina,
Que teu riso é venenoso,
O amor dos teus agrados
Me foi sempre suspeitoso.

Minhas queixas, meus ais e suspiros
Subirão á etherea mansão;
Pois na terra não acho um vivente
Que console esse meu coração.

Se desejas, oh Marcia, saber
Este sitio de tanta doçura,
Na sombria morada dos mortos
Acharás a minha sepultura.

Se acaso tu por mim chorares
Lá da campa te responderão,
Ai não chores, que existo mesmo
Sepultado lá na escuridão.

Perdoai-me, meu Deus, se blasphemo,
Já não posso esta vida conter,
Se pedindo a morte é peccado
Eu soffrendo não quero viver.

Adeus patria, adeus mundo, adeus tudo,
Vivam todos a quem amo na terra,
Recebei essas trovas sentidas
De um soldado que veio da guerra.

# RECITATIVOS

---

## AMEI!

Amei as flôres que me ornavam o berço,
Amei os cantos de uma mãi querida,
Amei a virgem que aqueceu-me o culto,
Amei o anjo que me deu a vida.

Amei do lirio a candidez tão pura,
Amei da harpa o sentido harpejo,
Amei as flôres que se inclinam tristes,
Amei da virgem o ardente beijo.

Amei da rôla a tristonha queixa,
Amei sorrindo o nascer da aurora,
Amei o lago todo crespo ao vento,
Amei a bocca que beijei outr'ora.

Amei das salas o trajar e galas,
Amei os risos, os festões, as flôres,
Amei a orchestra que morria em ais,
Amei da morte seus crueis horrores.

Amei a gloria com loucura e ancia,
Amei da taça o calor do vinho,
Amei o collo que aqueceu-me a fronte,
Amei das matas o gentil pombinho.

Amei do piano o correr dos dedos,
Amei da estrada o ancião curvado,
Amei da vida o sorrir fingido,
Amei do jogo o cahir do dado.

Amei do orphão a sentida prece,
Amei da noiva o corôa pura,
Amei dos bailes o rodar da valsa,
Amei as letras de uma sepultura.

Amei a tocha accendida ao morto,
Amei dos labios o palôr da morte,
Amei do morto o contrahir das faces,
Amei do preso o carpir da sorte.

Amei do pobre o esfarrapado manto,
Amei da lua a brilhante luz,
Amei a flauta que em trinados morre,
Amei o martyr que morreu na cruz.

Amei das vagas o chorar sentido,
Amei de Deus o poder tão forte,
Amei o lirio debruçado ao longe,
Amei a virgem que me deu a morte.

---

## FLÔRES DO CORAÇÃO

A aurora assoma — e a terra doma
Co'a extensa coma de rubra côr,
N'esta hora maga suspira a vaga,
E a briza afaga no ramo a flôr.

Hora de encantos que só tem cantos,
Ternos quebrantos que amor produz,
Além serpeia argentea veia,
E a ave gorgeia saudando a luz.

Que primavera!... —ai! quem me dera
Qual dôce hera que se une á flôr,
Vêr-me em teus braços, preso em teus laços
E em teus regaços viver de —amor...

Foge a belleza, passa a nobreza,
Fica a pobreza se a parca vem!...
Mas terna chamma que amor inflamma
Vai com quem ama surgir além.

A aurora assoma e a terra doma
Co'a a extensa coma de rubra côr,
N'esta hora maga suspira a vaga,
E a briza afaga no ramo a flôr.

Vem pois, donzella, que amor nos vela
E a briza é bella e é manso o mar,
Nosso barquinho alli sósinho...
Parece um ninho que aguarda o par.

Lá n'essas aguas dir-te-hei as fragoas,
A dôr e as mágoas que sinto em mim,
E aos rumorejos dos meus harpejos
Quero em teus beijos da vida o fim.

Hora de encantos que só tem cantos,
Ternos quebrantos que amor produz,
Além serpeia argentea veia,
E a ave gorgeia saudando a luz.

« Cadaver » livido d'um « sepulchro » á beira
Sabem « que cheira ? » o aluguer do mez.
Inda se atreve a nos pedir dinheiro !
Pobre sendeiro !... lá perdeu o freguez.

Sentir desejo de beber cerveja
E sem que veja quem nos pague a dita !
Ter saca-rôlhas e não dar-lhe emprego !
Vou pôl-a ao « prego » — inspiração bemdita !

Passar revista a quanto em bolso existe,
Cigarros... viste ! nem sequer um só !
Oh ! digam todos que o cigarro adoram
Se então não choram que até mette dó.

Ter por mobilia — uma cadeira velha,
Por tecto — a telha d'uma casa suja;
Sentir — na cama — de gozar desejos...
Ter persevejos em lugar da « cuja... »

Lêr ao luar e ao lampeão da esquina !
Que triste sina ! que viver ingrato !
E a fome !... a fome a nos trazer tristeza,
Não ter na mesa nem sequer um prato !...

Que triste vida o estudante passa !
Não é « chalaça », é peor que a morte !
Oh me respondam que poder resiste
Ao imperio triste de tão triste sorte !?

Não ter mais livros p'ra levar ao « sebo ! »
(Que os que recebo — a este amigo entrego ;)
Não ter ao menos um relogio usado
Para apressado pendurar no prego...

Dormir pensando n'uma virgem bella,
Sonhar com ella... conseguir... desejos...
Depois desperto... o que o amigo julga?
Era uma pulga que me dava beijos.

Emfim... eu amo este viver errante...
Ser estudante para ser — doutor!
Depois dar couces na sciencia, em tudo!
E' grande estudo, se me faz favor!

Lograr aos lentes, ao bedel comprar,
Sempre « coar » a sabbatina inteira,
Crê, meu amigo, a approvação é certa:
Ninguem se aperta quando tem « parteira. »

E viva, viva o pandegar constante!
Viva o estudante que não leva ponto!
E quando eu — velho me chamar um dia
Esta alegria com pezar desconto!

A noite chega — e eu não tenho vela!
Forte mazella! que fazer? « rezar? »
Valha-me isto, que a não ser assim
Não sei que fim, a estes versos dar.

---

# LUNDÚ

---

## É TARDE

Musica de J. N. Monteiro

É tarde, pois sim, bem sei
Que vossês são mui falsarias,
Mil protestos todas juram
E por fim tornam-se varias.

Todas vossês são assim,
Estão sempre a não querer,
E depois do laço armado
N'elle logo se vão metter.

A mulher é bicho fragil
E facil de convencer ;
Só não é facil fazel-as
O seu orgulho abater.

Todas vossês são assim — etc.

Eu renego de tal bicho
Por trazer sal na moleira,
Fujo d'ellas por ter medo
De cahir na ratoeira.

Todas vossês são assim — etc.

Tudo no mundo se esvai,
Até a propria razão,
Só não se esvai a lembrança
Que eu trago no coração.

Todas vossês são assim — etc.

*A. C. de Oliveira Fernandes.*

---

# MODINHA

---

## LÁ N'AQUELLE DESERTO

Musica da modinha — *Gigante de pedra*

Lá n'aquelle deserto tristonho
Onde ouço o gemido do mar,
Occultando traições que me ferem,
Quero só minhas mágoas chorar.

Lá mesmo irei esquecer-me
Da perjura, da impia e da ingrata,
Da donzella que assim me despreza,
Da mulher que o sorriso me mata.

Teus olhos bellos causam anhelos,
Sim!... quero vêl-os cheios de amor,
Vibrar um raio solto a soslaio,
Terno desmaio de luz de—amor!...

Na face pura, que formosura...
Quanta doçura tens no fallar,
Que morbideza, que singeleza,
Quanta nobreza no teu amar!

Que primavera!... ai!... quem me dera
Qual dôce hera que se une á flôr,
Vêr-me em teus braços, preso em teus laços,
Em teus regaços viver de—amor.

No dôce riso mais indeciso
Que paraiso se vê brilhar!
Que moreninha!... como ella vinha...
Era a rainha do meu pensar!

Como se agita tua alma afflicta,
Porque palpita teu seio em flôr?
Tiveste medo que o segredo
Rompesse tredo do nosso amor?...

*C. Abreu.*

---

# CANÇÃO

---

## A MULATA

Eu sou mulata vaidosa,
Linda, faceira, mimosa,
Quaes muitas brancas não são;
Tenho requebros mais bellos;
Se a noite são meus cabellos,
O dia é meu coração.

Sob a camisa bordada,
Fina, tão alva, arrendada,
Me treme o seio moreno;
E' como o jambo cheiroso
Que pende ao galho formoso
Coberto pelo sereno.

Nos bicos da chinelinha,
Quem vôa mais levezinha,
Mais levezinha do que eu?
Eu sou mulata tafula,
No samba rompendo a *chula*
Jámais ninguem me venceu.

Ao afinar da viola,
Quando estala a castanhola,
Ferve a dança e o *desafio,*
Peneiro n'um molle anceio,
Vou mansa n'um bambaleio
Qual vai a garça no rio.

Aos moços todos esquiva,
Sendo de todos captiva,
Demoro os olhares meus:
Mas, se murmuram: maldita!
Bravo, mulata bonita!
Adeus, meu yôyô, adeus...

Minhas yáyás de janella
Me atiram cada olhadella,
*Ai dá-se!* mortas assim...
E eu sigo mais orgulhosa,
Como se a cara raivosa
Não fosse feita p'ra mim.

Na fronte ainda que baça,
Me assenta o *troço* de cassa,
Melhor que c'rôa gentil;
E eu posso dizer ufana,
Que qual mulata bahiana
Outra não ha no Brazil.

Nos meus pulsos delicados
Trago coraes engrazados
Em contas d'ouro divinas;
Prendo o meu *pano* á cintura,
Que róla pela brancura
Das saias de rendas finas.

Se arde um desejo agora,
De meus affectos senhora,
Sei encontral-o no amor;
Minh'alma é qual borboleta,
Que vôa e vôa inquieta
Pousando de flôr em flôr.

Meus brincos de pedraria
Tombam, fazendo harmonia
Com meu cordão reluzente;
Na *correntinha* de prata,
Tem sempre e sempre a mulata
*Figuinhas* de boa gente.

Eu gosto bem d'esta vida,
Que assim se passa esquecida
De tudo que é triste e vão;
Um dito *repinicado,*
Um mimo, um riso, um agrado
Captivam meu coração.

Nos presepes da Lapinha
Só a mulata é rainha,
Meiga a mostrar-se de novo;
Da sua face ao encanto
Vai-se o fervor pelo Santo,
P'ra o Santo não olha o povo!

Minha existencia é de flôres,
De sonhos, de luz, de amores,
De amores que não tem fim;
Escrava, na terra um dono,
Outro no céo sobre um throno,
Qu'é meu Senhor do Bomfim.

Na fronte, ainda que baça,
Me assenta o *troço* de cassa,
Melhor que c'rôa gentil;
E eu posso dizer ufana,
Que qual mulata bahiana
Outra não ha no Brazil.

*Mello Moraes.*

---

# RECITATIVO

---

## ELOAH DO AMOR

Linda, mais linda que o sorrir d'aurora,
Dôce, mais dôce que o fulgor dos céos,
Pura, mais pura que o scismar dos anjos,
Candida pomba do pomar de Deus!

Branca, mais branca que a nitente espuma,
Langue, mais langue que o langôr da lua;
Perola fina a resvalar no espaço,
Gotta de luz que n'amplidão fluctúa!

Visão das noites encantadas, ledas,
Risonha e santa, de sonhares magos;
Crença que alenta, fascinante estrella,
Que beija flôres, se reflecte em lagos!

Quem deu-te os risos das travessas fadas,
Fallas e cantos das gentis sereias?
Pejo de rosa tão medroso e casto,
Lagrima d'anjo que immacula idéas?

Quem deu-te encantos divinaes, sublimes,
Dons tão mimosos, tão tremido seio?
Voz dôce e meiga qual cahir d'orvalhos
Que excita o peito a palpitar d'enleio?

Dá-me essas flôres que teus labios brotam,
Quando se abrem á modular o canto!
Dá-me essas perolas que teus olhos vertem,
Quando rebenta crystallino pranto.

Quero guardal-as n'uma urna santa,
Quero guardal-as n'um secreto altar,
Formar diademas p'ra cingir a fronte,
Presa das febres de penoso amar!

Ah! rôla insonte das campinas verdes,
Dá-me essas flôres que atiraes ao chão;
Quero aquecel-as no calor dos labios,
Cobrir as chagas da voraz paixão!

Ah! lirio verde do regato á beira
Pendido á briza, á viração do norte,
Banha minh'alma de esperança e crenças,
Antes que tombe ao vendaval da sorte!

Linda sereia que tem mel na voz,
Archanjo louro de ceruleos olhos,
Ampara o lenho do tufão medonho,
Antes que o lancem sobre o mar d'escolhos.

Dôce Eloah! dos meus amores falla
Á tarde amena, quando o sol s'envolve;
No manto escuro que desdobra a noite,
Á meiga estrella que no céo se move.

Tenho um abysmo no trevoso peito!
Se olhares, anjo, luz terás no fundo!
Ah! brilha, brilha, incarnação do bello,
Jorra scentelhas n'este cahos profundo!

Palpita a terra... a natureza anceia...
Astros palpitam sob os céos azues!...
Sorris — as harpas nas espheras tremem!
Sorris — o espaço mais derrama luz!

---

# LUNDÚ

---

## A MULATA CÔR DE JAMBO

Derreto-me, babo-me todo
Pela mulata côr de jambo;
Se a vejo, não me accommodo,
Té fico das pernas bambo!

E, se então ella me ousa
Um terno olhar despedir,

Fico eu qual mariposa,
Estou ém chammas a cahir!

Tem tal feitiço a mulata,
E' tão grata a sua côr,
Qu'ao vêl-a, fica em cascata
Minha testa, com o suor!....

Se ella diz-me: — «yôyô,
«Gósto munto di vossê;» —
Enlevado ás nuvens vou,
Cáio na terra de pé!

Se arrasta o chinelinho
Da cidade, pelas ruas,
Não socégo um instantinho,
Lá anda nas *aguas* suas!

Inda, se vejo ella ir
Se *mexendo,* e a gingar;
Fico eu quasi a dormir,
Vou p'ra casa me deitar.

Um dia, como, não sei;
Ella cahiu-me nas unhas,
Gritou logo: — Aqui d'el-rei,
Tomou suas testemunhas!

Tive por fim de largal-a
P'ra não ir para o chilindró;
Mas vivo sempre a choral-a,
Pela mulata tenho dó!

Derreto-me, babo-me todo
Pela mulata côr de jambo;
Se a vejo, não me accommodo,
Té fico das pernas bambo!

*F. P. Lisboa.*

# MODINHAS

## HERVA MIMOSA DO CAMPO

Herva mimosa do campo
Tu és o retrato meu,
Se a vida perdes em breve
Eu sigo o destino teu.

ESTRIBILHO

Eu na serie dos humanos,
Tu no reino vegetal,
Ambos soffremos o golpe
Que extingue o triste mortal.

Mas na perda da existencia
Sua vida é fortunosa,
Tu não guardas, não conservas
Terna paixão amorosa.

Eu na serie dos humanos — etc.

## COMO O ORVALHO DA NOITE

Como o orvalho da noite
Busca o carinho da flôr,
Assim minh'alma em delirio
Suspira por teu amor.

ESTRIBILHO

Mas tu qual uma insensata
Com teus desprezos me matas.

Mas se eu podesse encontrar
Nos teus labios um sorrir,
Seria minha ventura
E tambem o meu porvir.

Mas com tanta crueldade
Nem sequer tens-me amizade.

Permitta os céos que algum dia
Mais feliz eu possa ser,
Se continuar n'esta sorte
Antes prefiro morrer.

A morte é um sonho dourado
Para quem é desprezado.

———

# RECITATIVOS

---

## ADEUS!

Sobre esta terra, onde feliz outr'ora
Sequer uma hora deslisou sem calma,
A vida em sonhos, divagou a mente
Na fé fui crente, não chorou minh'alma.

Nunca em meu peito se ralaram dôres,
Pallidas flôres do jardim da vida;
Nunca em meus sonhos a mulher tão pura
Impia, perjura, foi na fé descrida.

Hoje perdido na avidez do mundo
Louco profundo meu amor existe;
Planta mimosa de vendaval batida,
Quasi sem vida a desfolhar resiste.

Louca esperança que sorriu-me um dia
Quando já cria n'um amor mentido,
Leve perdeu-se, estremeceu meu peito
Mudo despeito ás illusões perdido!

Soluça a briza que me secca o pranto
No debil canto que se eleva aos céos,
Ah! que era um sonho de visão dourada
Hoje murchado na mentira — Adeus!

## AMAR-TE É CRIME

Amar-te é crime, bem o sinto n'alma,
A dôce calma que ventura dá,
Amar-te é honra que em meu peito brilha,
Em ardente pilha, carcomida já!

Querendo amar-te commetti um crime
N'esse amor firme que eu a ti votei,
E tu, ingrata, te mostraste esquiva,
Com a fronte altiva caminhaste além.

Caminha, ingrata, cançarás um dia,
Na campa fria acharás o gôzo,
Tu és criança! eu desculpo a falta,
A dôr não mata: tambem dá repouso.

Repouso eterno para mim desejo,
Pelo ensejo de um amor sagrado,
Eu só te lembro o passado tempo,
Que tão cruento foi abandonado.

Mulher sem alma, sem um sentimento;
N'esse momento eu te lembro tudo,
Talvez que digas, que o passado é pouco,
Que sendo louco para ti fui mudo.

Louco e bem louco por deixar na vida,
Triste abatida a mimosa flôr,
Mas é destino de uma sorte impura...
Na sepultura findará a dôr!!

*Alfredo Chiappe da Cunha.*

## O TEU SORRISO

Donzella eu amo-te, com amor tão puro,
Amo-te, juro, com intenso amor,
Meu peito pulsa, e por ti palpita,
Minh'alma afflicta, te compara á flôr.

Ah ! quem dera, de meu peito amante,
Sentir constante, outro junto ao meu :
Ah ! quem dera, n'uma hora ao menos,
Eu vêr-te, Venus, um — sorriso — teu.

Feliz seria, se a sorrir te visse,
Sim, se sentisse, um — sorriso — teu,
Então poeta, me faria um dia,
E tu verias, o — sorriso — meu.

Se não mereço, o que tanto almejo,
Dá-me um lampejo, no sonhar comtigo ;
Esse segredo que ha muito sinto,
Sim, eu não minto, morrerá commigo.

E' meu desejo, o ser feliz um dia,
Sentir alegria, despertar minh'alma ;
Queixar na lyra, cantar a trova,
E dar-te em prova, do martyrio a palma.

Mas se não posso tal ventura ter,
Se meu querer é uma idéa vã ;
Consente, oh ! anjo, se algum dia vêr-te,
Possa querer-te como minha — irmã.

*M. A. R. Cunha.*

# LUNDÚS

## A MULATINHA

Para ser cantada com a musica da — *Mulatinha do carôço*

A mulatinha é garbosa
E dengosa
Nos requebros que ella tem,
No andar é tão ligeira
E faceira,
Oh! quanto lhe assenta bem!

A sua côr é tão bella,
Tão singela
E por isso mais amada;
Não fallecia a natureza.
P'ra belleza
Basta sua côr prezada.

Em seus olhos a ternura
Tem doçura
Que só descrevem amor,
Tem o alvor da innocencia
Que a decencia
No volver deu-lhe pudor.

Sua falla tem encantos
Que a tantos
Não póde a branca igualar;

Ella sabe ser constante
Ao amante,
Sem o saber enganar.

Seus pésinhos delicados
Bem formados
Dão pulinhos no pisar,
Vai calçando os corações,
(Tentações)
Quem póde vêr sem te amar !

A mulatinha é garbosa
E dengosa,
Tem affectos para mim !
Este dote de candura
E ventura
Foi Deus quem te fez assim...

*Honorato Lopes.*

---

## A MORENINHA FLUMINENSE

Para ser cantada pela musica — *Quando eu era pequeno*

Quando a bella moreninha
Enfeitadinha,
Na janella se apresenta,
Torna o triste mui contente,
E de repente,
Os seus males afugenta.

Todos volvem para ella
Com cautela
Um olhar de seducção;
Mas travessa ella s'esquiva
Sempre viva,
Dando assim a decisão.

Moreninha encantadora
E seductora,
Minha sina é te adorar;
Dou-te, pois, meu coração
Em adoração;
Nada mais posso offertar.

Contemplando os olhos teus
Sinto nos meus
Uma celeste claridade:
Em uns olhos tão brilhantes,
Por instantes
Julguei vêr a Divindade!...

Vem, ó virgem de meus sonhos
Tão risonhos,
Vem dourar minha existencia;
Não me occultes um segredo,
E diz-me cedo
Se mereço a preferencia.

Sultana bella e fagueira
E companheira
Dos anjos e da ventura,
Deixa que meu pensamento
N'um momento
Te admire a formosura.

Como tu outra não vejo
(Nem desejo)
Que me possa captivar,
És um typo especial,
Que sem igual
Só o Brazil póde ostentar.

Não me negues teu amor,
Dôce favor,
Que te peço supplicante;
Quando mesmo me aborreças
Não esqueças
Que serei firme e constante.

Se te faço essa promessa,
E tenho pressa
Que me dês um desengano,
É porque tenho receio
Que em teu seio
Um rival me cause damno.

Meu destino a ti prendendo,
Irei rendendo
Muitas graças ao Senhor,
De tão bella assim formar-te,
Primor d'arte,
Dos jardins mais linda flôr.

*João Pinto de Sousa Mascarenhas.*

---

# FADINHO

---

Chega-te cá para mim,
Cheiro de roupa lavada;
Chega-te bem chegadinho,
Que uma noite não é nada.

Fui ao mar por vêr as aguas,
Ao jardim por vêr as flôres;
Ao céo por vêr as estrellas,
Aqui por vêr meus amores.

Toda esta noite eu andei
Volta ao mar e volta á terra;
Para vêr se dava fundo
Ao pé da tua janella.

Se eu fôra o sol que subira,
Dava na tua janella;
Fôrà-te fallar á cama,
Raios da manhã te dera.

Estrellinha do nordeste,
Que me andaes alumiando,
Alumiai-me de noite,
Que eu de dia vou andando.

Depois que os meus olhos viram
A graça que os teus tem,
Nunca mais foram senhores
De olhar para mais ninguem.

O mar é vivo, não falla,
O rio corre e não cança;
Desejava de saber
Se me tinhas na lembrança.

---

# RECITATIVO

## A PROSTITUTA

Trajando galas, nos encantos bella,
Caminhava ella, sem saudal-a alguem;
Passeia em carros, no theatro ostenta
Tudo o qu'inventa, que lhe fique bem!

Porém qual flôr, que no calor da festa
As pet'las cresta, p'ra depois murchar;
Ou mariposa, que a voar s'inflamma,
Em torno á chamma, que busca beijar;

*

Assim foi ella; como vil mundana,
Na orgia insana se atirou — perdeu!
Foi mariposa, que queimando as azas,
Do ardor das brazas nunca mais s'ergueu!

E essa infame desprezando o esposo,
Qu'eterno gozo lhe faria ter,
Prestes se atira — que fatal loucura!
Na vida impura, que lhe dá prazer!

Amou-a elle, como amar no mundo
Jámais profundo pôde amar alguem!
D'extremos tantos deslembrou-se a ingrata,
Que o affecto mata, no alcouce — além!

Tudo mais nobre, que sentiu seu peito
Lá jaz desfeito por atroz afão!
Matou-lhe as crenças infernal orgia,
Noite sombria, que não tem manhã!

Hoje apontada pelo audaz cynismo
Mede o abysmo, quer fugir-lhe em vão!
Que a turba aponta-lhe uma bolsa infame
E em face brame — já não ha perdão!

Marcou-a o mundo com fatal sinete!
Esse ferrete, — que tão negro é!
E em represalia, — já mulher perdida
Vive uma vida — sem moral, sem fé!

Maldiz o mundo, que a supporta ainda:
Se é bella ou linda, tem vassallos seus!...
Mas não se lembra, — desgraçada errante,
Da fulminante maldição de Deus!...

Qual aguia altiva de voar cançada,
Mais apressada na descida vai;
Assim aquella, que perdeu a calma,
Corpo sem alma na miseria cái!

Mulher perdida, de que servem galas,
Ou meigas fallas, que fingidas são,
Se d'esses olhos em que affectos calma,
Lê-se a tu'alma que só diz — traição?!

Que valem sêdas, deslumbrantes modas,
Mercadas todas com tão vil moeda?...
Vendes o corpo p'ra comprar enfeites,
Gozar deleites, que a moral te veda!

Desenfreada e nas paixões insana,
Ella, mundana, nada vale, não;
Gasta o seu ouro na fatal ledice,
P'ra na velhice — mendigar um pão!

Altivos paços habitar pretende
Ella, que vende seu fingido amor;
Rubra se mostra nos ardís fugaces,
Mas n'essas faces... já não ha pudor!

Cynica vive, na miseria morre;
Nem a soccorre bemfazeja mão!
E impenitente, á sepultura baixa
E lá nem acha — uma só cruz no chão!

*E. Villas-Bôas.*

# MODINHA

## QUANDO A VIDA

Quando a vida passava entre sonhos
N'esta idade de meiga illusão,
Foi então que amei uma virgem
Que era o idolo de meu coração.

ESTRIBILHO

Em um olhar eu lhe disse — eu te amo,
N'outro olhar respondeu-me: és amado!
Traiçoeiro espelho de meu peito,
Que mysterio eu não tenho revelado.

No bulicio importuno do baile
Onde a taça é o rigor da folia,
Tua imagem era linda e tão bella
Como um raio do céo parecia.

ESTRIBILHO

Quiz fugir, mas fugir p'ra bem longe
Para vêr se podia esquecel-a,
Era embalde, onde quer qu'estivesse
Nunca, nunca eu deixava de vêl-a.

Mas a custo se calaram nos labios
As palavras ardentes do amor;
Não fiz jura, nem quiz ser perjuro,
Nem quiz ser alcunhado traidor.

ESTRIBILHO

Quiz nos braços de uma nova amante
Esquecer este meu pensamento,
Deixar uma entregue ao desprezo,
Seguir outra, um amor de momento.

---

# RECITATIVO

---

## EU VI-TE, VIRGEM

Eu vi-te, virgem, sobre o collo a fronte
Curvada á fonte a segredar queixumes!
Eu vi-te triste, qual pendida rosa
Hontem mimosa a exhalar perfumes!

Cabellos negros no cahir esparsos,
Formosos traços estampavam n'agua!
Assim eu vi-te a extrahir da harpa
Acerba farpa de pungente magoa.

Busquei-te! achei-te! Em macia relva
Além da selva, recostei-te a mim!
«Por mim definhas?»—perguntei corando,
E tu chorando, me disseste—sim!

Depois a sorte resequiu-me as flôres!...
Espinhos, dôres, entornou-me n'alma!
Mas inda espero n'um recente espaço
Prender-te ao laço de amorosa palma.

---

# FADINHO

## TENHO RAIVA Á GENTE GORDA

Tenho raiva á gente gorda,
O meu amor é magrinho;
Quando vai para a igreja
Parece um ramalhetinho.

Triste vida tem quem ama,
Se o amor é lisonjeiro:
Tanto mais bonita dama,
Tanto peor captiveiro.

Oh Maria, lava a louça,
Deixa-te de namorar,
Que o amor aperta a mão,
E fica a louça por lavar.

Oh Maria, tu não sabes,
Meus olhos morrem por ti;
Tu queres saber de quando?
Foi do dia em que te vi.

Oh Maria, oh Maria,
Para te amar ando louco;
Passo frio, passo fome,
Levo má vida, anda roto.

O amor nasce do dar,
Meu amor que te darei?
O amor que não despende,
E' certo que não tem lei.

Coitado quem tem amores
E se deita sem os vêr;
Toda a noite está sonhando
Quando ha-de amanhecer.

A ribeira quando corre,
No meio faz a zoada;
Quem tem amores não dorme
O somno da madrugada.

A pombinha chega o bico
Ao pombinho rolador;
São signaes que symbolisam
A dôce união d'amor.

Noite escura, noite escura,
Quem ama não arreceia,
Quem quer bem ao seu amor
Pela porta lhe passeia.

Rapariga, dá-me um beijo,
Um beijo pela tua alma;
Tu não sabes quanto gósto
De sombra quando faz calma.

Esta noite choveu ouro,
Diamantes orvalhou;
Lá vem o sol com seus raios
Enxugar quem se alagou.

Eu dei-te o meu coração,
Eu não t'o dei por libello;
Eu dei-te amor por amor,
Amor te dei, amor quero.

Tendes amorzinhos novos,
Que te faça bom proveito;
Deus vol-os deixe gozar
Que nem sereno no feto.

---

# RECITATIVO

## É ELLA!

Se ás vezes triste, meditando passo
Nas longas horas de uma noite bella,
Em vendo a lua lá no denso espaço,
Então exclamo com prazer—é ella!

Se lá nos bosques, me sorrinho as flôres,
Uma diviso, d'entre as mais singelas;
Nos attractivos em que leio amores
Ainda eu digo com prazer — é ella!

No terno canto que de além se escuta,
Da pobre freira na prisão da cella,
Duvido e creio, no final da lucta
A mesma idéa vem dizer-me — é ella!

Quando nos mares, a gentil barquinha
Toda garbosa vai correndo á vela,
N'essa fugida que alli faz sósinha
Ainda eu juro que por Deus — é ella!

Na mesma estrella que no céo diviso,
Brilhante, pura, reflectindo bella;
Em suas faces, traduzido um riso
Protesto, affirmo ainda mais — é ella!

Por mais que busque distracções na vida,
Atroz lembrança minha mente gela,
Quer nos prazeres, na cruenta lida
Que mais me inspira, bem conheço — é ella!

No mar, na terra, lá no céo, nas flôres,
Por toda a parte minha mente vela,
Se em tudo eu leio divinaes amores,
E' porque tudo vem dizer-me — é ella!

*A. L. G. de Castro.*

# LUNDÚ

## OS SETE SACRAMENTOS

Oh menina, eu te peço
Que sigas os meus intentos;
Olha que te proponho
Estes sete sacramentos:

O primeiro é o baptismo,
Não sei se sou baptisado;
Creio em tudo o que Deus disse,
Não sei se sou confirmado.

Segundo é confirmação,
Confirma amor na verdade;
Se te eu quero bem ou não,
Deus do céo é quem o sabe.

O terceiro é commungar,
Quem communga confessou;
Para uns começa o mundo,
Para outros se acabou.

O quarto é penitencia,
Penitencia tenho tido;
Quando me ausento de ti
Não sei se morro, se vivo.

O quinto é extrema-unção,
São palavras em latim:
Fostes uma linda rosa
Que creei no meu jardim.

O sexto é a ordem,
Que eu tenho de te prender;
Na cadêa dos teus braços,
É que eu me queria vêr.

O setimo é matrimonio,
Quando é o dar da mão;
Nunca se póde apartar
Uma rosa de um botão.

Estes sete sacramentos
São da santa madre igreja,
Anda o mundo ás avessas,
Ninguem logra o que deseja.

---

# MODINHA

---

## QUANDO OS CÉOS DÃO EM TEUS LABIOS

Quando os céos dão em teus labios
Terno riso encantador,
Sinto quão dôce é-me a vida,
Em teu riso, anjo de amor.

Sem ti são tristes os meus dias,
Duro e penoso meu viver,
Junto a ti preso em teus braços
Viver quero até morrer.

Os laços com que me prendes
Ainda mais quero apertar,
Não é crime antes virtude
Sempre amando até acabar.

E' minha sina adorar-te
Embora sejas perjura,
Que meu amor não esmaga
A pedra da sepultura.

Venha a morte embora um dia
Sobre mim seu furor parte;
Morto, extincto, no sepulchro
Este peito inda ha-de amar-te.

Póde o gelo do sepulchro
Tirar da vida o calor,
Mas d'um peito firme amante
Apagar não póde amor.

FIM DO VOLUME III

# INDICE

do theatro portuguez no seculo XVII. 1 v. — Historia do theatro portuguez no seculo XVIII. 1 v. — Historia do theatro portuguez no seculo XIX. 1 v. — Historia do direito portuguez. 1 v. — Estudos da idade média. 1 v. — Contos phantasticos. 1 v. — Obras primas de Chateaubriand. 1 v. — Obras primas de Balzac. 1 v. — Theoria da historia da litteratura portugueza.

Innocencia, romance de S. Dinarte.

Pessoa — O annel preto, romance de uma infeliz.

Araripe Junior — O ninho de Beija-Flôr, romance.

Chateaubriand — Memorias de além-tumulo. 21 v. — O genio do christianismo. 2 v. com estampas finas. — Os martyres. 2 v. — Os natchez. 4 v. — Obras primas. 1 v. contendo: Atala; Renato: Aventuras do derradeiro abencerragem.

Mery — A judia do vaticano ou o amor e Roma. 4 v. — André Chenier. 1 v. — Os condemnados na India. 1 v. — Guerra do Nizam. 1 v. — Uma historia de familia. 2 v. — O deportado. 2 v. — O degredado. 1 v.

Léo Lespés — As filhas de Barrabás. 2 v. com estampas.

Smith — Lagrimas e sorrisos. 6 v. — Mulher e marido, escrava e senhor. 4 v. com estampas.

O. Féré — Aventuras de João o salteador. 2 v. com estampas. — A abbadia de Santo André. 2 v.

B. Pato — Digressões e novellas. 1 v. — Flôres agrestes, poesias, paizagens. 1 v. — Paquita, poema. — Versos. 1 v. — Canções da tarde. 1 v. — Graziella, trad. — La Vendetta, trad.

A familia do jesuita, por Andrade Ferreira.

José S.^to^ Ribeiro — Alguns fructos da leitura e da experiencia. 2 v. — Estudo moral e politico sobre os Lusiadas. 1 v. — Primeiros traços de uma resenha de litteratura. 1 v. — Os Lusiadas e o Cosmos, ou Camões considerado por Humboldt como um pintor da natureza. 1 v. — Resoluções do conselho de estado. 11 v.

Andrade — Cartas escriptas da India e da China. 2 v. com estampas.

José F. de Castilho — Da união iberica. 1 v.

Xavier da Silva — Quadros naturaes. 1 v. — O testamento do frade. 1 v. — Fructos verdes; contos; descripções e poesias. 1 v.

G. de Azevedo — Apparições, versos. 1 v.

Tito de Noronha — Memorias de um charuto. — Passeios e digressões.

Paulo de Kock — O snr. Choublanc procurando sua mulher. — A menina das tres saias. — O snr. Cherami. 2 v. com estampas. — As mulheres, o jogo e o vinho. — A vereda das ameixas. — A dama dos tres espartilhos. — Os sete bagos d'uva. — O amor que acaba e o amor que começa. — A baroneza Blaguiskof. — O professor Ficheclaque. — A menina bonita do arrabalde. — Os pequenos regatos formam grandes ribeiros. — O burro do snr. Martinho. — O bandido Giovanni. 2 v. com estampas. — Florentina. — O neto de Cartouche. — A viuva Tapim. — As meninas da agua furtada. — Um homem atribulado. — Um marido de quem se zomba. — O porteiro da rua da Barca. — Zizina. 2 v. com estampas. — Papá sogro. — Os companheiros das tuberas. 2 v. com estampas. — O Gustavo ou a boa peça. 4 v. — Paulo e o seu cão. 8 v. — A irmã Anna. — O amante da lua. 2 v. — O meu visinho Raymundo. — O barbeiro de Paris. — Uma mulher de tres caras. — A casa branca. — A lagôa d'Auteuil. — A donzella

de Belleville. — O homem dos tres calções. — André. 4 v. — A familia Gogó. 4 v. — Um galucho. 2 v. — Georgeta. 4 v. — O diabo a quatro. 4 v. — Magdalena. 4 v. — Physiologia do homem casado. — Nem sempre nem nunca. 4 v. — João. 4 v. — Mulher, marido e amante. 4 v. — O filho de minha mulher. 2 v. — A menina Lisa. — O amigo Piffard. — O rapaz mysterioso da esquina. — A familia Braillard. 2 v. — A snr.ª de Monfianquin. 2 v. — Um namorado calouro. 2 v. — O amor carcunda. — Nem casada, nem solteira, nem viuva. — Um marido perdido. — As caixeiras. — A leiteira de Montfermeil. 4 v. — Um joven encantador. 4 v. — O sem gravata. 4 v. — Robineau e Fifina. 4 v. — A procura d'uma mulher. 4 v. — O homem da natureza. 4 v. — A noiva de Fontenay-das-rosas. 1 v. — Ceriseta. 2 v. — O bigode. 4 v. — Este senhor. 4 v. etc.

O HOMEM DA FACA, por Ernesto Rollet. 3 v.

FABIUS — O adolescente educado na bondade, sciencia e industria. 1 v. — As preciosas celebres e as mercadoras do amor, typos contemporaneos.

REYNOLDS — Os dramas de Londres. 10 v.

CANTÚ — Historia universal. 12 v. com estampas. — Margarida Pusterla, romance.

PASCUAL — A morte moral. 4 v. — Esposa e mulher. — Ensaio critico sobre a viagem ao Brazil em 1852. 2 v.

FRANCISCO MANOEL DA SILVA — Compendio de musica.

G. AIMARD — As guerrilhas do Juarez. 1 v.

JOAQUIM M. DE MACEDO — O forasteiro. 3 v. — Os quatro pontos cardeaes. 1 v. — Um noivo a duas noivas. 3 v. — A namoradeira. 3 v. — Nina. 2 v. — As mulheres de mantilha. 2 v. — A luneta magica. 2 v. — As victimas algozes. 2 v. — A moreninha. 1 v. — A nebulosa. 1 v. — Culto do dever. 1 v. — Memorias do sobrinho de meu tio. 2 v. — Moço louro. 2 v. — Os dous amores. 2 v. — Romances da semana. — Rosa. 2 v. — Vicentina. 3 v. — O primo da California, comedia em um acto. — Remissão de peccados, comedia. — Romance d'uma velha, comedia. — Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro. 2 v. com estampas. — Noções de chorographia do Brazil. 2 v.

CABELLOS, contos electricos.

Mme STAEL — Delfina. 5 v. — Corina ou a Italia. 4 v.

MAGALHÃES LIMA — Miniaturas romanticas. 1 v. contendo: Martyrio d'um anjo; Um drama intimo; Um dia de noivado.

PEREIRA DA SILVA — Historia da fundação do imperio brazileiro. 7 v. — Manoel de Moraes, chronica do seculo XVI. 1 v. — Jeronymo Côrte Real. — Os varões illustres do Brazil durante os tempos coloniaes. 2 v. — Segundo periodo do reinado de D. Pedro I do Brazil, narrativa historica. 1 v. — Obras litterarias e politicas. 2 v.

BASTOS — Contos de minha lavra.

H. CONSCIENCE — O unha torcida.

COSTA — Esboços biographicos dos principaes pintores italianos. 1 vol.

C. ROBERT — A ponte nova. 3 v. — Os mendigos de Paris. 1 v. — O tribunal secreto. 1 v. — Povos e reis. 3 v. — Servos e boyardos ou a escravidão na Russia. 4 v. — O salteador do monte deserto. 2 v. — O poeta da rainha.

Porto: 1876 — Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62